

**Conversa com
escritores:
diversidade cultural**



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Rui Getúlio Soares

Reitor

Eliane Lucia Colussi

Vice-Reitora de Graduação

Hugo Tourinho Filho

Vice-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Cléa Bernadete Silveira Netto Nunes

Vice-Reitora de Extensão e Assuntos Comunitários

Nelson Germano Beck

Vice-Reitor Administrativo

Neusa M. H. Rocha

Diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

UPF Editora

Astor Antônio Diehl

Editor

CONSELHO EDITORIAL

Benami Bacaltchuk

Ciomara Benincá

Claudio A. Dalbosco

Eliane Lucia Colussi

Germano A. D. Schwartz

Hugo Tourinho Filho

João Anaracy Santin

Karen Oppermann

Lorena Consalter Geib

Luiz Airton Consalter

Marco Antônio Montoya

Mateus Flores

Paulo Becker

Pedro Alexandre V. Escosteguy

Tania M. K. Rösing
Paulo Becker
Eliana Teixeira
(Org.)

**Conversa com
escritores:
diversidade cultural**

Universidade de Passo Fundo
2007



Maria Emilse Lucatelli
Editoria de Texto

Liana Langaro Branco
Sabino Gallon
Revisão de Emendas

Cauê Stochi Somenzi
Design Gráfico UPF
Produção da Capa

Sirlete Regina da Silva
Editoração e Composição Eletrônica

Este livro no todo ou em parte, conforme determinação legal, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa e por escrito do autor ou da editora. A exatidão das informações e dos conceitos e opiniões emitidos, bem como as imagens, tabelas, quadros e figuras, são de exclusiva responsabilidade dos autores.

C766 Conversa com escritores : diversidade cultural / organizadores
Eliana Teixeira, Paulo Becker, Tania M. K. Rösing – Passo
Fundo : Ed. Universidade de Passo Fundo, 2007.
157 p. ; 21 cm.

1. Literatura infanto-juvenil. 2. Escritores. 3. Multiculturalismo. I. Teixeira, Eliana, coord. II. Becker, Paulo, coord. III. Rösing, Tania M. K., coord.

CDU 82-93

Catalogação: bibliotecária Daiane Citadin Raupp - CRB 10/1637

ISBN – 978-85-7515-399-4

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
EDITORA UNIVERSITÁRIA

Campus I, BR 285 - Km 171 - Bairro São José
Fone/Fax: (54) 3316-8373
CEP 99001-970 - Passo Fundo - RS - Brasil
Home-page: www.upf.br/editora
E-mail: editora@upf.br

Editora UPF afiliada à



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Caminhos cruzados

(Música da 3ª Jornadinha Nacional de Literatura)

Letra: Paulo Becker

Música: Pedro Almeida

Certo dia, Cervantes
Numa prisão da Espanha
Se pôs a meditar
Aonde o mundo ia dar
E criou um cavaleiro
Feito pra sonhar

Certo dia, Andersen
Na fria Dinamarca
Se pôs a meditar
Aonde o mundo ia dar
E criou um soldado
Feito pra amar

Certo dia, Verissimo
Com saudades do pampa
Se pôs a meditar
Aonde o mundo ia dar
E criou um capitão
Feito pra cantar

Nossos bravos heróis
Dom Quixote da Mancha
Soldadinho de Chumbo
E capitão Rodrigo
Todos vão cruzar contigo
No chão de Passo Fundo

Abre o livro e vem comigo
Nessa grande aventura
Vem que é muito divertido
O universo da leitura

Apresentação

Muitos têm sido os caminhos selecionados para formar leitores críticos no Brasil, respeitando-se, primordialmente, as peculiaridades dos leitores em formação, suas referências vivenciais e suas preferências temáticas. O maior esforço tem sido aplicado na escolha de materiais de leitura que realmente possam envolver esse público diferenciado. É necessário que todos sejam tocados pela literariedade presente em cada um dos textos, ampliando o gosto pela leitura e pelo conteúdo, o que contribuirá sobremaneira com a construção de seus valores, incorporando-os e aplicando-os em suas vivências diárias. Paralelamente a este esforço ocorre a preocupação em viabilizar o acesso dos leitores em formação a materiais de leitura de qualidade.

A Universidade de Passo Fundo e a Prefeitura Municipal optaram, desde 2001, pela realização das Jornadinhas Nacionais de Literatura, uma movimentação cultural no âmbito das Jornadas Literárias que objetiva a dinamização da leitura numa perspectiva multimídia entre crianças, pré-adolescentes e jovens, realizando um trabalho conjunto com escolas dos diferentes sistemas de ensino, estimulando o envolvimento de professores, pais e alunos com a leitura.

A terceira edição nacional, realizada em agosto de 2005, priorizou os debates em torno do tema “Diversidade cultural: o diálogo das diferenças”, numa demonstração da maior riqueza brasileira que se estabelece, junto com sua grandeza territorial: a diversificação da cultura nas diferentes regiões do país. Procuramos, com a seleção desse tema, ativar os conhecimentos de cada jovem leitor, estimulá-los a desvendar as

manifestações culturais tão ricas e tão diversificadas de norte a sul, motivando-os para a leitura que resultou na significação do conteúdo emergente dessa diversidade e, em especial, na ampliação de suas experiências de leitura e de competência literária. Além desses aspectos, esse público, constituído de 12 mil pessoas inscritas, ao qual foram acrescentados mais de 2 700 jovens não inscritos, foi estimulado a se envolver com as linguagens das manifestações culturais pela participação em shows musicais, espetáculos teatrais, exposições, Feira do Livro e sessões de autógrafos, no ano em que se homenagearam Hans Christian Andersen (duzentos anos de nascimento), Erico Veríssimo (cem anos de nascimento) e Cervantes (quatrocentos anos da primeira edição da obra *D. Quixote de la Mancha*).

Tivemos o cuidado de convidar escritores novos que pudessem atender aos interesses dos participantes da Jornadinha, elaborando, inclusive, mais uma vez, um Caderno de Atividades II, dirigido aos professores do ensino fundamental e do ensino médio, com sugestões de práticas leitoras multimídiais a partir da leitura de um livro de cada autor convidado e que esteve presente no evento. Nossa intenção é contribuir com as propostas desenvolvidas pelos professores nas escolas, com ênfase na perspectiva interdisciplinar e multimídia das experiências de leitura sintonizadas com os novos tempos.

As múltiplas ações da Jornadinha foram desenvolvidas pela manhã no Circo da Cultura, onde cada grupo de alunos (três mil inscritos por dia, além dos não inscritos, para quem foi viabilizada a participação nesse momento) teve a oportunidade de falar com um ou dois autores, continuando a participar da programação, que constou de um show musical e um espetáculo teatral, ratificando nosso compromisso de formar leitores competentes nas diferentes linguagens. As demais falas dos escritores convidados foram desenvolvidas no turno da tarde, nas quatro lonas coloridas onde estavam distribuídos os alunos. O rodízio dos escritores pelos diferentes ambientes, identificados por cor, intermediados por con-



tadores de histórias, facilitou o atendimento a todos os presentes – alunos acompanhados de seus professores. Em vista disso, e por serem falas muitas vezes repetidas, optamos por transcrever apenas uma de cada autor.

É necessário que façamos referência à surpresa de cada escritor com o nível das perguntas feitas pelos alunos participantes, cuidadosamente preparados por seus professores em diferentes tipos de escolas, pertencentes a distintos sistemas de ensino, através da leitura individual, do debate do conteúdo dos livros, do compartilhamento de suas experiências a partir dessas leituras, atividades estas iluminadas pelo tema geral: “Diversidade cultural: o diálogo das diferenças”. São de Frei Betto as seguintes palavras: “São milhares de crianças que passam aqui durante toda Jornada, elas manipulam o livro, elas têm contato com outras formas de expressão, o vídeo, a exposição de fotos, a música...” Sérgio Rouanet, ilustre integrante da Academia Brasileira de Letras, manifestou-se emocionado: “É inacreditável o que estou vendo: crianças no circo para debater literatura. Nunca vi um quadro como esse em minhas andanças pelo mundo. Sinto aqui a chegada do futuro.” Sem dúvida, a criação da Jornadinha foi um grande acerto na abertura de caminhos para a emergência de novos leitores. Ratifica essa opinião Maria Teresa Maldonado: “Então poder abrir esse espaço da Jornadinha para que crianças e jovens possam participar desta reflexão e dar as suas contribuições é muito importante.” Entre os convidados internacionais, assume importância ímpar o depoimento do poeta espanhol cuja obra é dedicada ao público infanto-juvenil, Antonio Yebra: “Na Espanha não existe nenhum evento tão grande, tão impressionante como este aqui em Passo Fundo, para falar de literatura em geral, da literatura infantil e juvenil em particular e, também, para ver em que situação está o mundo de hoje com relação às diferenças culturais, às diferenças sociais.”

Ao ler *Conversa com escritores: diversidade cultural*, você, caro leitor, estimada leitora, terá a oportunidade de co-



nhecer os depoimentos dos escritores que participaram desta terceira edição da Jornadinha.

Outro destaque deve ser dado à forma como se apresentaram os alunos ao elaborarem suas perguntas diante de um grande público, demonstrando desenvoltura, conhecimento de causa e um domínio efetivo do tema e da trama dos livros lidos. Pôde-se notar, inclusive, o orgulho que esses alunos demonstravam pela certeza do dever cumprido e pela possibilidade de dirimirem dúvidas e ampliarem horizontes a partir do diálogo presencial com os autores. Comprovam essa constatação manifestações como as que seguem: “Participei de todas as Jornadinhas até agora. Esse contato com os autores que eu já conhecia e com outros que passei a conhecer fez com que eu me interessasse ainda mais por suas obras”; “Ler é bom, mas melhor ainda é ir na Jornadinha. Ler alguma coisa é podermos viajar na imaginação. Mas a Jornadinha é um lugar onde a gente se sente à vontade, e pode fazer perguntas aos autores, e conhecê-los pessoalmente”; “As pessoas têm que ter o hábito de ler porque ler é muito divertido e a gente aprende muitas coisas. Na Jornadinha, eu sempre levo livros para autografar”.

Não se pode deixar de elogiar o comprometimento dos professores na estimulação e na preparação de seus alunos, ponto determinante no sucesso da 3ª Jornadinha Nacional de Literatura. Deve-se dirigir um voto de louvor inclusive aos dirigentes das escolas, aos secretários municipais de educação e de cultura, aos prefeitos, aos coordenadores regionais de educação, que conseguiram viabilizar a compra dos livros indicados para os participantes desta edição da Jornadinha, possibilitando o acesso da população estudiosa a esses materiais qualificados de leitura. A presença e o estímulo dado por muitos pais merece singular destaque. Na opinião de alguns professores, a companhia de muitos pais foi fundamental no processo: “Com certeza não teríamos livros disponíveis se não fosse a participação dos pais.” Ou ainda: “Compraram livros, participaram das atividades sobre os livros, e até mesmo le-



ram as obras.” O envolvimento dos pais assume a forma de grande estímulo para a continuidade desse processo, uma vez que eles mesmos se constituem em leitores dos livros que adquirem para seus filhos, ampliando o desejo de conhecerem outros materiais de leitura atraentes, sedutores.

Na avaliação feita pelos professores que acompanharam seus alunos no período anterior à Jornadinha, promovendo a leitura antecipada das obras indicadas e o debate sobre o tema “Diversidade cultural: o diálogo das diferenças”, participando, posteriormente, das diferentes ações que constituíram esse evento, foram registradas manifestações como: “Serviu para conscientizar as crianças e torná-las conhecedoras das diferentes culturas.” Outro ponto de vista explicitado: “Necessitamos conhecer e trabalharmos as diferentes culturas e opiniões para construirmos um novo conhecimento.” Ratificando a mesma posição, outro registro substancial: “O tema foi muito bem explorado e discutido junto aos grupos. Saber viver numa sociedade com diversidade cultural exige muitos olhares e diálogos e aceitar as diferenças como manifestação de cultura e relações.” Essas considerações comprovam a importância da seleção de um tema que centralize os debates e possibilite a explicitação das vivências de leitura mesclada à manifestação de referências pessoais que podem ser modificadas a partir de um debate qualificado.

O que se visualiza no conjunto é o esforço dos mediadores de leitura e a complexidade que subjaz às propostas de leitura, se tomadas como fator relevante no desenvolvimento do ser humano de qualquer faixa etária, proveniente de camadas sociais as mais distintas. Fica comprovado, desse modo, que a formação do leitor pressupõe um trabalho estimulador incessante com os formadores de leitores e, também, com os formadores dos formadores de leitores. Não se ampliará o número de leitores críticos se a caminhada em prol do envolvimento com materiais de leitura não for constante, persistente, permanente na educação básica, na universidade, na vida profissional e na vida pessoal.



As implicações de todo o trabalho pela formação de leitores no foco da diversidade cultural podem ser entendidas de forma mais clara se consideradas no âmbito dos princípios preconizados por Morin:

Aprender a estar aqui significa: aprender a viver, a dividir, a comunicar, a comungar; é o que se aprende somente nas – e por meio de – culturas singulares. Precisamos doravante aprender a ser, viver, dividir e comunicar como humanos do planeta Terra, não mais somente pertencer a uma cultura, mas também ser terrenos. Devemo-nos dedicar não só a dominar, mas a condicionar, melhorar, compreender. Devemos inscrever em nós [...] a consciência antropológica, que reconhece a unidade na diversidade.¹

Procuramos estimular os debates em torno do tema “Diversidade cultural: o diálogo das diferenças” para estabelecer, entre tantas outras questões, uma consciência entre os leitores em geral, identificando a riqueza em que se constitui a diversidade cultural brasileira sem que seja desconsiderada a identidade nacional, a começar pelo entendimento de todos do idioma falado em todo o território brasileiro, observando-se, inclusive, seu repertório e variações regionais.

Esta obra contém alguns dos principais registros feitos pela imprensa brasileira, dos quais se destaca o artigo de Ana Maria Renhack cujo título refere o sentimento da autora pelo significado desta movimentação cultural para o público infantil e juvenil: “Em Passo Fundo o aumentativo de Jornada é Jornadinha”.

O sucesso desta 3ª Jornadinha está comprovado também pelo registro iconográfico, que revela a oportunidade de desenvolvimento desse público jovem pela aproximação e pelo diálogo que estabeleceu com escritores e artistas.

Observados os depoimentos dos escritores, os registros feitos pela imprensa, as fotografias dos momentos especiais,

¹ MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 6. ed. São Paulo: Cortez/Unesco, 2002. p. 76.

os resultados provocados, podemos dizer, caros leitores, distintas leitoras, que a história da 3ª Jornadinha Nacional de Literatura, constante da obra que agora apresentamos a cada um e a todos – *Conversa com escritores: diversidade cultural* – só foi possível com a participação sintonizada de autores-leitores-mediadores/dinamizadores culturais. As leituras individuais e compartilhadas promoveram, certamente, a apropriação de conteúdos geradores de novos conhecimentos e transformações individuais e sociais cuja dimensão só o futuro poderá revelar com precisão.

Os organizadores



Sumário

Caminhos cruzados.....	5
Apresentação	7

Abertura da Jornadinha

Tania M. K. Rösing.....	19
Rui Getúlio Soares.....	19
Airton Dipp	20
Carlos Alberto Forcelini	21
Ocsana Danyluk.....	21
Nelson Germano Beck.....	22

Conversa com escritores

Ana Maria Machado.....	25
Gali-Leu	25
Gabriel Costa.....	25
Mariana Verissimo.....	34
Roger Mello.....	37
Elias José.....	39
Ricardo da Cunha Lima	44
Daniel Munduruku.....	48
Ricardo Silvestrin	50
Regina Machado.....	54
Carlos Urbim.....	55
Reginaldo Prandi	59
Walcyrr Carrasco.....	61

Antonio Yebra	66
Luiz Puntel	68
Silvana Gontijo	72
Antonio Prata	76
Valéria Polizzi	78
Luiz Vilela	82
José Eduardo Degrazia	84
Ludmila Zeman	88
Nelson Bacic	90
Julián Fuks	91
Maria Teresa Maldonado	95
Maria José Silveira	97
Homenagem ao centenário do escritor	
Erico Verissimo	102

Registro iconográfico/105

Registro da imprensa/133

Dados gerais da 3ª Jornadinha
Nacional de Literatura/145



**Abertura da
Jornadinha**

Tania M. K. Rösing

Que felicidade ver vocês tão alegres! Nós estamos aqui para dar início à 3ª Jornadinha Nacional de Literatura e queremos agradecer a presença de vocês e fazer o nosso grito de guerra, o mesmo que já fizemos na Jornada passada. Vamos todos dizer: “Um, dois, três, quatro, cinco mil, queremos mais leitores no Brasil”. Nós estamos aqui porque vocês leram as obras de pessoas muito importantes. Vamos ver se estão aqui os escritores que vocês leram e, na hora em que eu chamar o nome, o escritor vai se levantar e nós vamos dar aquele aplauso. São eles: Ana Maria Machado, o cineasta Gabriel Costa, Ricardo da Cunha Lima, Ricardo Silvestrin, Elias José, Roger Mello, Regina Machado e a pessoa que nos acompanha desde a primeira Jornadinha, Carlos Urbim. Muito obrigada pela presença de todos. Vamos curtir, vamos vibrar e vamos fazer desta 3ª Jornadinha mais uma grande festa. Um grande abraço e um grande beijo a todos vocês.

Rui Getúlio Soares

Na condição de reitor da Universidade de Passo Fundo, desejo dar as boas-vindas a todos vocês. O brilho da 3ª Jornadinha, sem dúvida, será muito maior com a participação de cada um de vocês, juntamente com seus professores. Agradecemos pela leitura que fizeram das obras dos autores convidados e pelos trabalhos que de-

se envolveram em suas escolas. Quanto mais lemos, tanto mais conhecimento adquirimos. O nosso país precisa de vocês como pessoas que lêem, que começam a fazer as suas críticas, ajudando o Brasil a melhorar, a criar mais oportunidades de educação e de trabalho para todos os jovens brasileiros. Aproveitem tudo o que foi preparado com muito carinho pela comissão organizadora para vocês, curtam muito a conversa que terão com os escritores, a participação nos shows musicais, nos espetáculos teatrais, na Feira do Livro, nas sessões de autógrafos, que tudo isso ajudará vocês a serem mais felizes. Aqui no Circo da Cultura vocês terão a companhia especial do gato Gali-Leu, apresentador da Jornadinha, juntamente com a Natália e o Mil-Faces. Muito obrigado pela presença de todos.

Airton Dipp

Eu quero, em nome da comunidade de Passo Fundo, em primeiro lugar, dar as boas-vindas àqueles alunos, estudantes e professores que estão participando da Jornadinha e que vêm de Santa Catarina e de outros municípios do estado do Rio Grande do Sul. Sejam bem-vindos aqui em Passo Fundo e participem efetivamente desta festa, onde todos debatem a literatura, os livros e buscam novos conhecimentos. Quero aproveitar a oportunidade para cumprimentar mais uma vez a Universidade de Passo Fundo e a equipe organizadora e criadora da Jornada Nacional de Literatura, em nome do reitor e da professora Tania Rösing, que possibilitam a todos nós passo-fundenses e moradores da região Norte do estado e, já nesta 11ª Jornada, a todos nós brasileiros a oportunidade de participar de um evento tão importante e que contribui para a formação de novos leitores em nível nacional. Sem conhecimento não é possível a transformação do nosso país. Tenham todos uma boa Jornada.



Carlos Alberto Forcelini

Crianças, professores, nossos escritores, imprensa, nossos amigos e todos aqueles que apóiam a nossa Jornada, esta festa é feita para vocês. Então nós queremos, em nome da UPF, desejar que vocês aproveitem ao máximo esse tempo conosco. Nós estamos muito felizes com a presença de vocês, com tudo o que foi feito na preparação para a Jornadinha, com as leituras que vocês fizeram, com o trabalho dos vossos professores, com a organização das escolas. Por isso, nós só temos a agradecer por vocês estarem aqui e desejar que aproveitem ao máximo, porque esta festa é de vocês e a universidade, hoje, também é de vocês. Muito obrigado e um grande abraço da Universidade de Passo Fundo.

Ocsana Danyluk

Em nome da Reitoria da Universidade de Passo Fundo, eu quero parabenizar a toda equipe que trabalhou junto com a professora Tania, nossos professores, nossos funcionários, nossos estudantes. Quero desejar a todos os escritores que aqui estão que tenham muita criatividade, muita paz e muita intuição para escrever cada vez mais obras para nós lermos. Gostaria de aproveitar este momento também para agradecer ao secretário municipal de Educação, professor padre Alcides Guareschi, e à nossa coordenadora da 7ª Coordenadoria Regional de Educação, professora Marivone Casteli, que possibilitaram aos professores estarem aqui presentes. Os professores são a alegria deste público e deste palco também, porque realizam um trabalho fundamental para a formação do ser humano. Obrigada por vocês todos estarem aqui.



Nelson Germano Beck

Que bom acordar cedo para conhecer amigos, que bom acordar cedo e fazer a aventura de conhecer escritores, poetas e artistas. Que bom conhecer livros, que bom abrir um livro e achar um romance amigo e fazer uma nova aventura. Bem-vindos à 3ª Jornadinha, bem-vindos à UPF, bem-vindos ao Circo da Cultura, fruto da parceria da Prefeitura Municipal com a UPF. Sejam muito felizes e conheçam novos amigos através da leitura e das apresentações dos artistas aqui presentes.



**Conversa com
escritores**



Gali-Leu



Ana Maria Machado



Gabriel Costa

Ana – Primeiro eu quero cumprimentar todo mundo, dar um bom-dia e falar da minha alegria de estar de novo aqui em Passo Fundo conversando com vocês, neste circo maravilhoso. Estou feliz, sobretudo, porque vocês são leitores e já leram meus livros antes de eu vir, já conhecem vários dos meus livros e já se prepararam todos para este encontro. Acho que alguns até já viram o filme que o Gabriel Costa fez sobre o meu livro *Raul da ferrugem azul*, que vai também ser exibido aqui, mas vários de vocês já viram nas escolas e nós podemos, então, iniciar a nossa conversa.

Gali-Leu – Ana, você é autora de vários livros e eu vou começar perguntando se há algum livro de que você gosta mais, algum livro que seja de sua preferência pessoal?

Ana – Bom, essa coisa de livro preferido sempre pergunto, mas, na verdade, não temos não. É como se fosse alguém

perguntar para um professor qual é seu aluno preferido ou aluna preferida; perguntar para uma mãe qual é o filho preferido. Não há isso, gostamos de todos, cada um de um jeito diferente. E você, tem algum escritor preferido?

Gali-Leu – Olha, eu gosto de todos também, mas dos teus livros aquele de que eu mais gosto é o da *Velhinha maluquete*.

Ana – Ah, sim, você já tinha me falado. Agora, vou contar um pouco da história do filme para poder passar a palavra para Gabriel. Esta história começa de um encontro meu com um leitor. Anos atrás, eu recebi uma carta de um leitor, que não era assim do tamanho de vocês hoje, era um pouquinho mais velho, um adolescente, que se chamava Gabriel. Ele dizia que tinha lido o *Raul da ferrugem azul* e tinha gostado muito. Como o sonho dele era ser cineasta, quando crescesse pretendia estudar cinema e fazer um filme sobre este livro. Então, estava me consultando se eu poderia guardar a história para ele. Expliquei que não era bem assim, que para fazer um filme se precisa ter um roteiro escrito e um projeto de produção. Passou mais algum tempo, e o Gabriel me escreveu de novo, dizendo que estava mandando um projeto do filme, um roteiro, um argumento. Li e gostei muito, achei muito interessante. Disse para ele que estava bem, que eu guardaria a história pra ele. O tempo foi passando, o Gabriel terminou o colégio, entrou na faculdade, foi estudar cinema, casou, teve filhos, e volta e meia ele me escrevia dizendo que não conseguia dinheiro para fazer o filme. Até que um dia ele conseguiu o dinheiro de que precisava e o filme saiu. Este filme me encantou, adorei o resultado, porque é um filme muito fiel à história do livro. Agora vou passar a palavra para o Gabriel contar o lado dele desta história.

Gabriel – Eu li o livro *Raul da ferrugem azul* quando estava, mais ou menos, na 2ª série. Minha mãe sempre foi uma leitora voraz e sempre me incentivou a ler livros. Um belo dia, ela chegou e disse pra mim: “Gabriel, lê este livro aqui”. Ela não falou mais nada. Eu comecei a ler e, a cada página



que passava, ficava imaginando a história daquele menino chamado Raul e pensava: “Meu Deus, a história desse garoto é exatamente igual à minha. Ele é o Raul da ferrugem azul e eu sou o Gabriel da ferrugem cor de pastel”. Então fui me identificando com aquilo e, no final do livro, o que me marcou muito como criança foi a possibilidade que a história mostra de conseguirmos mudar aquilo de que não estamos gostando e, também, de acreditarmos num sonho. Naquele tempo, eu ainda não pensava em ser cineasta, mas depois cresci, chegou a adolescência, eu tinha que resolver o que queria fazer da vida e optei pelo cinema. Um dia, por acaso, arrumando as minhas coisas, encontrei o livro do Raul e li de novo. Então, falei para mim mesmo: “Isso aqui dá um filme”. Foi quando fiz o primeiro contato com a Ana Maria. Depois de eu apresentar o roteiro para a Ana, demorou sete anos até eu conseguir fazer o filme, o que dá exatamente a idade que tem o meu filho mais velho hoje. É uma realização e o primeiro passo de um sonho, porque a minha intenção é fazer outros filmes, inclusive eu e a Ana temos projetos de fazer outros filmes juntos.

Gali-Leu – Bem, agora vamos abrir um espaço para os leitores fazerem perguntas para a Ana Maria ou para o Gabriel. Mas, antes disso, eu gostaria que a Ana Maria falasse para essa galera toda que está aqui sobre a importância da leitura nas nossas vidas.

Ana – Ah, a leitura me ajudou tanto que até é difícil falar disso. Eu sempre fui uma pessoa mais feliz porque lia, porque os livros me ensinaram coisas, dividiram coisas comigo e me apresentaram pessoas diferentes, que eram os personagens. Acho que a leitura nos faz crescer, além de ser uma coisa alegre, prazerosa. Acho que sou mais feliz porque leio, e todo mundo tem o direito de ser mais feliz e, portanto, de ler também. A leitura, para mim, tem a ver com felicidade.

Gali-Leu – Gabriel, e para você, qual foi a importância de ter lido os autores que você leu e, principalmente, de ter lido este livro da Ana Maria tão jovem?



Gabriel – A leitura para mim, falando especificamente do que faço, que é cinema, constitui a base para eu poder desenvolver a idéia e o projeto do filme. Na verdade, fazer um filme também é contar uma história, porém de uma outra forma, e só conseguimos contar uma história a partir do momento em que lemos outras histórias. Se eu não fosse um leitor, talvez não conseguisse contar uma história na tela do cinema.

Ana – Eu acho legal o Gabriel ter falado nisso, porque volta e meia, quando damos entrevista, os repórteres perguntam se ainda tem sentido ler livros, se está havendo lugar para a leitura, para a literatura, numa sociedade que é tão cheia de imagens. Temos televisão, filme, computador etc., mas, mesmo assim, o livro ainda tem seu lugar, e vai ter sempre, porque ele possibilita uma forma diferente de ler.

Gabriel – É verdade. Quando fazemos um filme baseado no livro de um autor, estamos mostrando no filme o nosso entendimento da história, e o livro nos dá mais liberdade do que o filme, porque cada leitor imagina a sua história, os seus personagens, os seus cenários de um jeito diferente.

- Ana Maria, de onde nasceu a inspiração para escrever *Raul da ferrugem azul*?

Ana – É engraçado que o Gabriel falou que achava que o livro contava a história dele, mas um bocado dessa história veio do meu filho, que se chama Rodrigo. Quando era criança, o Rodrigo muitas vezes ficava furioso se via alguma injustiça ou alguma coisa errada acontecendo. Então, chegava em casa reclamando, mas não tinha coragem de ir lá brigar e reclamar. E eu dizia para ele: “Rodrigo, você tem que brigar pelas coisas em que você acredita, senão você enferruja”. Então essa coisa de enferrujar foi uma das idéias que ajudaram a criar a história do *Raul da ferrugem azul*. Outra coisa, que se misturou com esta, é que no tempo em que o livro foi escrito o Brasil vivia sob uma ditadura, quer dizer, havia um governo militar e não se tinha liberdade. Um dia houve uma reunião de vários



jornalistas, uns cinquenta jornalistas, e o Milôr Fernandes, o Ziraldo e eu resolvemos fazer um manifesto contra a censura, para ver se os outros assinavam junto. Porém, ninguém quis assinar, só nós três. Aí saí dali dizendo: “Puxa, não é possível que tanta gente importante, incluindo alguns dos melhores intelectuais brasileiros, esteja com a cabeça enferrujada, e não consiga aproveitar uma oportunidade como esta”. Então misturei isso tudo e nasceu o livro.

- Eu cresci ouvindo muita história, tendo contato com essa coisa mágica da palavra, e gostaria de ouvir de ti como é trabalhar o encantamento e criar imagens através da palavra?

Ana – Olha, escrever é algo natural pra mim, é uma relação de prazer. Então não sei explicar muito bem como acontece. Acho que, se eu tivesse resolvido jogar futebol, poderia ter jogado futebol por cinquenta anos e nunca ter feito um gol. Não adianta só querer escrever ou jogar futebol. Tem que haver uma coisa a mais, que talvez não seja certo chamar de “talento”, porque dá a impressão de ser uma virtude superior, mas é uma espécie de vocação, é um chamado, é uma afinidade com aquilo que você faz. Eu sempre tive a vontade de me expressar através da palavra, por isso não estou jogando futebol, nem fazendo música, eu escrevo livros. Já o Gabriel não escreve livros, ele faz cinema. Cada um tem uma facilidade maior para uma coisa do que para outras, é um tipo de talento. E todo mundo tem algum talento. Às vezes mais do que um, o importante é descobrir quais são.

Gabriel – Eu acho que vocês ainda são muito novos para ter essa sensação do “chamado”, mas, à medida que vamos crescendo, começamos a descobrir as coisas que nos interessam de fato. Então, se você ouvir a si mesmo, vai sentir aquilo para o que tem mais aptidão e fatalmente vai ser bom naquilo. É coisa de chamado mesmo, é uma vocação, e não vai haver nada que possa impedir você de fazer aquilo de que gosta.



- Ana Maria, eu queria saber qual foi o primeiro livro que você escreveu e o último que você lançou?

Ana – As minhas primeiras histórias não saíram em livro, mas na revista *Recreio*. Depois de nove anos escrevendo histórias para a revista, publiquei o meu primeiro livro, *Bento-que-bento-é-o-frade*. O último livro que publiquei é um romance para adultos, que se chama *Palavra de honra* e fala sobre a falta de palavra das pessoas na atualidade.

- Eu queria saber como é que nasce o título de cada história?

Ana – O título da história, para mim, é a última coisa a ser definida. Eu sei que tem escritores que começam pelo título, mas eu deixo para escolher no fim, quando a história já está escrita. E cada título surge de um jeito, não há nenhuma regra.

- Qual foi a inspiração para o livro *Essa casa é minha*?

Ana – O livro *Essa casa é minha* é uma história sobre essas cidades que crescem e invadem a natureza, sobre aqueles que acham que tem que asfaltar o chão e acabar com a minhoca. O livro lembra que nós todos moramos numa mesma casa, que é o planeta Terra, e esta casa é de todos nós.

- Eu sou sua fã e gostaria de saber o que você acha de algumas publicações que são adaptadas, mas não são muito fiéis ao texto original dos autores?

Ana – Eu sou a favor de adaptações. Para que as crianças possam conhecer a história da viagem do Vasco da Gama para as Índias, por exemplo, um pouco do jeito que Camões contou, alguém vai ter que adaptar, porque fica difícil para uma criança ler *Os lusíadas*. Contudo, não se pode adaptar e começar a colocar coisas que não existiam no original, ou tirar coisas fundamentais que estavam ali, ou trocar alguma opinião do autor. Então, é necessário ser fiel ao espírito do autor, à mentalidade dele, à atitude dele diante da vida e da literatura. Mas não é preciso ser fiel ao texto em si, a cada



palavra, porque os tempos são outros. As adaptações são só uma maneira de chamar a atenção dos leitores em formação para a existência de determinadas obras, e, se eles gostarem da adaptação, quem sabe, quando crescerem, irão ler a obra no original.

- Quantos livros você já escreveu?

Ana - Vamos dizer que uns 111. Eu não tenho certeza, mas é algo em torno deste número.

- Qual foi o livro que você demorou mais para escrever?

Ana - É sempre o último. Agora, estou demorando uns sessenta anos para escrever um livro. Isso porque para cada livro eu demoro toda a vida que vivi até aquele momento, pensando, tendo idéias. Então, o último é sempre o mais demorado.

- Eu queria saber se você se inspirou em alguém para escrever o livro *Era uma vez um tirano*?

Ana - *Era uma vez um tirano* foi inspirado em todos os tiranos, em todos os ditadores que há por aí. Na ocasião em que escrevi o livro, eu estava pensando principalmente nos presidentes militares que tivemos no Brasil, que eram os tiranos. Mas, na verdade, existem tiranos em todo canto. Às vezes pode ser um síndico de prédio, um prefeito, uma diretora de escola, um pai dentro de casa, uma criança mandona no meio da turma. O tirano é todo aquele que quer mandar em todo mundo a sua volta e não admite ser desobedecido.

- Em quem você se inspirou para fazer o livro *A velhinha maluquete*?

Ana - *A velhinha maluquete* veio do desejo que sempre tive de viajar pelo mundo. Eu gostava muito de viajar e achava que, se um dia eu ficasse velhinha, iria ser uma velhinha bem maluquete e viajar para toda parte. Aí inventei uma história mais maluquete ainda. Na verdade, me inspirei no que eu queria ser, ainda não era, mas agora estou virando.



- Ana Maria, o que você faz quando começam a aparecer as ferrugens em você?

Ana - Olha, primeiro temos que torcer para conseguir vê-las, porque o pior das ferrugens é quando elas são invisíveis, quando não reconhecemos que as temos. Mas quando reconhecemos que estamos enferrujando em alguma coisa, já iniciou o caminho para nos curarmos. Aí, o jeito é usar aquilo que está enferrujando. Quando não usamos é que enferruja. Às vezes tem que dar uma lixadinha antes para poder voltar a usar certa coisa. Por exemplo, se a cabeça está enferrujando, tem que passar a pensar muito, a ler e a conversar com outras pessoas; se são as pernas que estão enferrujando, tem que sair, andar, caminhar. Tem que usar, esse é o remédio pra não enferrujar.

- Com quantos anos você começou a escrever livros?

Ana - Eu comecei a escrever desde os oito anos de idade, mas não eram livros, eu fazia um diário. Depois, comecei a escrever no jornalzinho da escola. Quando publiquei as primeiras histórias na revista *Recreio*, eu tinha 28 anos, e os primeiros livros publiquei a partir de 35 anos.

- Eu quero saber o que te inspirou para você ser escritora?

Ana - O que me inspirou é que eu gostava muito de histórias, eu adorava ler histórias, ouvir histórias, e comecei a inventar outras histórias na minha cabeça, que ainda não estavam escritas. Por isso, comecei a escrever.

- Eu queria saber no que você se inspirou para criar o livro *Menina bonita do laço de fita*?

Ana - *Menina bonita do laço de fita* tem a ver com a minha filha, que nasceu muito clarinha. Todos da minha família somos mais morenos mas o pai dela é filho de italianos, e ela nasceu clarinha. Então comecei a brincar com ela de ficar perguntando: “Menina bonita do laço de fita, qual o seu segredo para ser tão branquinha?” Depois fui inventando a história de uma menina pretinha, que tinha o segredo de ser



tão pretinha. Essa menina, primeiro, respondia que era pretinha porque tomara muito café, ou porque caíra na tinta preta, ou porque comera jabuticaba, mas depois ela vai descobrindo que não é bem por isso que ficamos pretinha ou branquinha.

- Você pretende escrever mais algum livro?

Ana – Eu gosto muito de escrever. Então, me perguntar se eu pretendo escrever mais alguma coisa é como perguntar para vocês se ainda pretendem brincar. Você ainda pretende brincar na vida? Eu também pretendo escrever. Escrever, para mim, é que nem brincar para vocês.

- Você se inspirou em alguém para escrever o livro *Bisa Bia, Bisa Bel*?

Ana – *Bisa Bia, Bisa Bel* fala do tempo da minha avó, que era a bisavó dos meus filhos. Eu escrevi essa história de bisavós para meus filhos conhecerem um pouco o mundo da minha avó.

- No que você pensou quando escreveu *Bento-que-bento-é-o-frade*?

Ana – Esta é a história de uma menina que não gosta que mandem nela. Aí, dá para desconfiar que eu me inspirei em mim mesma: eu detesto que mandem em mim, eu gosto sempre de fazer as coisas do meu modo. Então, essa menina, que pensa pela cabeça dela e não gosta de fazer tudo o que mandam, era eu mesma.

- O que você sentiu quando foi convidada para participar da Jornada em Passo Fundo?

Ana – Eu fiquei contente porque sabia que iria encontrar essa gente toda aqui, esses leitores maravilhosos. Não é a primeira vez que venho a Passo Fundo, esta agora já é a terceira vez. Na primeira, a Jornada ainda não era realizada neste circo maravilhoso, nem havia ainda a Jornadinha. Agora é a primeira vez que eu venho para a Jornadinha e fiquei muito contente com isso.





Mariana Verissimo

Eu quero agradecer por estar aqui, por poder participar desta festa em homenagem ao meu avô. Quero dizer também que não considero um peso ser neta do Erico Verissimo, pelo contrário, acho fácil pertencer a uma família de escritores talentosos. Este é um ótimo cartão de visitas para mim. As pessoas me tratam muito bem, não só pelo talento do meu avô e do meu pai, mas também pelas pessoas admiráveis que eles são. Acontece que eu nunca pensei em escrever, essa não era a minha idéia. Eu gostava mais de desenhar, tanto que fiz faculdade de arquitetura. Depois que me formei em arquitetura, fui para São Paulo e lá, através de uns amigos, conheci o Flávio de Souza, que é um dos criadores do *Castelo Ratinbum* e também autor de vários livros infantis e infanto-juvenis. Flávio estava trabalhando nos roteiros de um programa infantil para a televisão e eu me atrevi a escrever esses roteiros com ele e gostei da experiência. Era mais fácil para mim escrever roteiros do que um livro, coisa que, até aquela altura, na verdade, eu nunca tinha pensado em fazer. Isso porque sempre houve essa pergunta sobre quem seria o próximo da família Verissimo a virar escritor, e juro que não quero essa responsabilidade para mim. A minha irmã, que está aqui, e que é muito melhor leitora do que eu, deveria estar falando aqui no meu lugar. Enfim, eu sou basicamente autora de ro-

teiros, faço roteiros para a televisão e para o cinema. O livro *PS Bejei* foi um desvio de conduta, mas surgiu de uma proposta da editora Salamandra que não pude recusar.

- Gostaria de pedir para a Mariana falar sobre como foi escrever *PS Bejei*?

Mariana – Como já falei, foi a editora Salamandra que fez o convite. Ela queria publicar um livro de correspondência, que seria escrito a quatro mãos, apresentando a correspondência de duas amigas adolescentes. Então convidou a mim e a Adriana Falcão, com quem eu já tinha trabalhado no *Retrato falado*. Nós já éramos amigas e aceitamos na mesma hora. Contudo, a Adriana mora no Rio de Janeiro e eu moro em São Paulo. Então, o mais legal que eu acho do livro é que ele nasceu por *e-mail*. Cada uma de nós escolheu sua personagem e nós trocávamos *e-mails* com os textos. Então, tinha o texto das personagens e os *e-mails* das autoras, fazendo fofoca da vida das personagens. E foi ótimo, demorou uns cinco meses. Não é fácil escrever em parceria, mas eu adorei ter feito este livro com a Adriana.

- Como é que você lida com a experiência de trabalhar na Globo, que é uma grande rede de televisão?

Mariana – Quando entrei na equipe do *Retrato falado*, este foi meu segundo trabalho de roteiro. A equipe do *Retrato falado* atua em São Paulo e é o único grupo de dramaturgia da Globo que não é do Rio de Janeiro. A atriz, Denise Fraga, mora em São Paulo, assim como o diretor, e toda a produção é feita lá. Há de quatro a cinco autores que trabalham juntos nos roteiros do *Retrato falado*, que é um quadro do *Fantástico* e, por isso, ele não precisa ficar lutando por audiência. É um quadro que é muito bem aceito, do qual as pessoas gostam e tem uma audiência enorme. Não sei se todo mundo conhece o quadro, que apresenta as histórias verdadeiras enviadas por mulheres, interpretadas pela Denise Fraga, e nós fazemos os roteiros para essas histórias. Então, é um programa muito



bom de fazer, o formato é muito legal, diferente, porque são pessoas reais contando histórias reais. E o grupo de trabalho também é muito bom, todos trabalham juntos, dando palpites no roteiro, e eu gosto do resultado.

- Mariana, você parece meio tímida, mas consegue escrever coisas tão descontraídas. Como isso é possível?

Mariana – Eu sou tímida, assim, com tanta gente me olhando, mas com cinco pessoas eu trabalho bem. Eu sempre gostei, até na época de colégio, quando enfrentava uma situação difícil, de falar alguma bobagem para relaxar, ou de fazer humor. Por sorte, entrei nesse programa *Retrato falado* fazendo roteiros de humor, que pra mim é algo muito fácil e muito prazeroso. Então, na verdade, posso ter certa timidez para falar em público – e também é a primeira vez que falo para tantas pessoas – mas para escrever é muito diferente, até porque para escrever não há ninguém olhando.



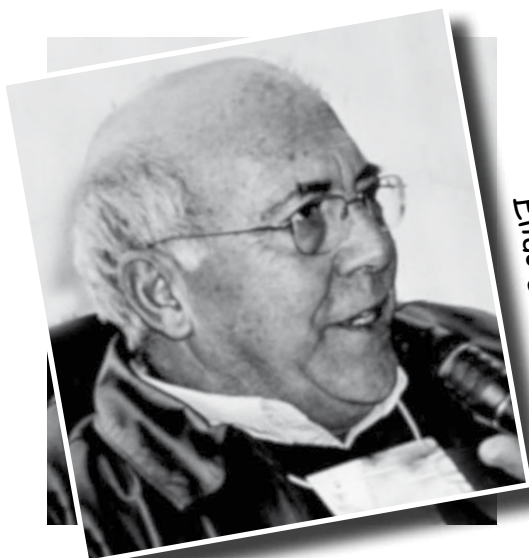


É um prazer muito grande estar com vocês aqui em Passo Fundo e conhecer um evento tão bonito, em que se fala dos livros. Vendo vocês daqui, dá um calor bom, mesmo estando muito frio hoje, porque dá pra ver que vocês também gostam de ler, assim como nós. Eu gosto muito de arte de uma maneira geral, e acho que se podem ler todas as coisas. Eu estou aqui olhando e já estou fazendo uma leitura deste momento e de vocês. Eu faço uma leitura da roupa que vocês usam, do jeito que vocês balançam a perna. Acho que a coisa mais interessante desse objeto chamado “livro” é que permite diferentes leituras dele. É um objeto, então tem forma, tem cheiro e tem uma sequência, por mais que essa sequência possa e deva ser subvertida: podemos ler o livro começando pelo início, pelo meio ou pelo fim. Lembro que desde bem pequeno eu já era fissurado por livro. Tudo o que quisessem fazer comigo era só barganhar com livro. Até pra me levar ao dentista, numa boa, era só me prometer um livro. E ainda assim, todo o dinheiro que eu ganhava investia em livros. Lembro que também fazia muitas leituras de imagens. Eu sou de Brasília e cresci numa época em que não se podia falar de muitas coisas, havia temas proibidos, quase tudo era proibido. Mas Brasília foi uma cidade que foi feita por grandes idealistas, por grandes sonhadores, visionários, artistas, como o Oscar Niemeyer e

o Lúcio Costa. Então, mesmo que não pudéssemos falar de determinadas coisas, como da administração política do país, havia um registro visual em todos os lugares, em todas as obras desses grandes artistas. Por isso, aprendemos muito a ler através das imagens. Uma vez o Niemeyer disse que um desenho arquitetônico que ele havia feito falava da leveza. Mas como é que um bloco de concreto pode ser sinônimo de leveza? Porque o artista trabalha como o mágico, com a ilusão, mas essa ilusão é a coisa mais séria que existe.

Cada um de nós, quando brinca, faz o mesmo que o artista. Nós falamos: “Faz de conta que isso aqui é o mar, e que estamos num navio”. A partir desse momento, todo mundo passa a ver o mar, o navio, tudo. Então, o artista continua fazendo o que a criança faz, só que faz isso como uma profissão, o que é mais bonito ainda. Muitas vezes falamos do prazer da leitura, da importância da leitura, mas o mais interessante, além de falar sobre essas coisas, é contar uma história para outra pessoa, é mostrar um texto do qual gostamos, é falar em voz alta um poema, é dividir nossas leituras com os outros. E tem outro prazer, muito legal, que ninguém pode nos tirar, que é o prazer de estar sozinho com o livro. Em outras palavras, é o prazer de estar sozinho consigo mesmo. Por mais que não pareça, o livro é um espelho da gente. Mesmo que o livro fale, por exemplo, de um menino que mora na Índia, se começarmos a lê-lo, vamos ver que aquele menino é também humano como nós e vamos nos encontrar em muitas coisas da história.





Elias José

Quanta gente bonita! Olha, tenho muita alegria por estar aqui nesta Jornada de Passo Fundo depois de mais ou menos 16 anos em que estive aqui pela última vez. Naquela época não havia a Jornadinha, e já perguntávamos para a Tania se ela não pretendia realizar um encontro com as crianças, porque o bom de escrever é poder se encontrar com o seu leitor. Quem escreve não faz isso para si mesmo, mas para os outros, por isso tem um grande prazer no dia em que vê alguém com um livro seu. À medida que publicamos, queremos ter um leitor. Então existe o autor, existe o texto que ele criou e, para a idade de vocês, existe um grande colaborador na produção do livro, que é o ilustrador. Nós somos parceiros, o escritor e o ilustrador são parceiros.

As crianças às vezes me perguntam se eu gosto mais de desenhar ou de escrever. Eu digo logo que não sei desenhar nem patinho na lagoa. Eu só sei escrever. A minha mãe, desde que eu era pequeno, queria que eu lesse muito. Ela comprava muitos livros para nós. Eu nasci num lugarejo pequenino de Minas Gerais, que não tem mil casas e chama-se Santa Cruz da Prata. Havia muita coisa gostosa ali para brincar: andávamos a cavalo; tínhamos contato com bichos, com pessoas; ouvíamos histórias da minha avó. Eu gostava muito de livros, porque a minha mãe passou esse hábito para todos nós.

Eu gostava muito também de ouvir rádio. Eu ouvia a rádio Nacional do Rio de Janeiro, que é igual à TV Globo, hoje, e meu sonho não era escrever, mas ser locutor da rádio Nacional. Então eu ouvia aqueles caras falando bonito lá e dizia que iria ser locutor. Minha mãe, aos domingos, como todas as mães, fazia macarronada com frango. Aí ela abria a lata de massa de tomate, eu pegava aquela lata e fazia de conta que era um microfone e ficava treinando para falar um dia na rádio Nacional. Bem, o tempo passou, meu pai nos levava para São Paulo, para um lugar e outro onde as irmãs dele moravam, e um dia ele me levou num circo chamado Garcia. Ali, no palco apresentou-se um cara maravilhoso: era um mágico que fazia coisas incríveis. Então eu desisti de virar locutor de rádio e queria ser mágico de circo. Naquele tempo eu tinha um dinheirinho da mesada, porque trabalhava depois da escola no armazém do meu pai. Então pedi pelo correio, por reembolso postal, um livro para ensinar a fazer mágica, *Seja mágico em 20 lições*, mágico por correspondência. Mas não deu certo, eu não conseguia tapear nem meus irmãos menores. Nós éramos em oito, eu era o segundo, mas nem os menores eu tapeava com as minhas mágicas.

Mas um dia, já estudando no ensino médio, com 18 anos, mais ou menos, nós criamos um jornal para comemorar os trinta anos da escola. Aí já não era mais naquele lugarejo, era na cidade onde moro até hoje, chamada Guaxupé, que fica perto de Poços de Caldas, Ribeirão Preto e Campinas. Então comecei a fazer o jornal de escola e adorei escrever. Para mim, a coisa mais deliciosa era fazer o jornal. Esquecíamos da aula, esquecíamos de que tínhamos de estudar bastante matemática, senão tomaríamos bomba, e eu quase tomei. Mas eu simplesmente me apaixonei. Então, eu disse para mim mesmo que teria de fazer na vida alguma coisa ligada à palavra. Fui descobrir, depois, que escritor não vive de escrever, não dá, a grana não dá. Eu comecei a escrever em jornal. Fui para São Paulo, trabalhei um pouco na *Folha de São Paulo*, um jornal muito bom de lá, mas achei que aquilo era terrivelmente chato. O primeiro dia como jornalista foi apaixonante, o



segundo dia também, mas lá pelo décimo dia já era uma repetição chatíssima. Escrever naquele jornalzinho do interior, da escola, era maravilhoso, porque estava na minha mão o que eu queria escrever, mas na *Folha* já não era assim. Então descobri o seguinte: quando você escreve literatura, você faz o que quiser, você tem liberdade, mas no jornalismo você não tem liberdade.

Meu filho mais novo é jornalista, e quando eu conto essa história, ele diz que realmente não há liberdade nenhuma no jornalismo. Por isso, comecei a estudar para ser professor de língua portuguesa e fiz o curso de Letras. Fui melhorando meu trabalho à medida que estudava literatura, estudava língua portuguesa, e comecei a escrever melhor. Foi assim que nasceu o escritor, que já tem 35 anos de carreira. Eu estreei em 1970 e já tenho 115 livros publicados. Comecei escrevendo para adultos, mas felizmente tive filhos e adorei contar histórias para meus filhos. Primeiro, eu só contava as histórias, mas minha mulher, um dia, me perguntou por que eu não escrevia essas histórias. Como elas não estavam em livro, pois tinham sido inventadas por mim, eu segui o conselho dela e hoje sou um contador de histórias por escrito. Com muito prazer, eu escrevo mais para crianças hoje do que para adultos.

- Há quantos anos vocês escrevem?

Elias – Bem, como eu já falei, faz 35 anos que publiquei meu primeiro livro.

Roger – Eu comecei no teatro, por incrível que pareça, e a primeira coisa lançada foi uma peça de teatro, que depois virou livro. Era uma peça sobre a história do boto vermelho. Isso faz dez anos.

- Em quem você se inspirou para fazer o livro *Namorinho de portão*?

Elias – O livro *Namorinho de portão* apresenta vários poemas. O poema “Namorinho de portão”, que deu título ao livro, veio de uns versos que ouvi na minha infância, que diziam: “Rei, capitão, / soldado, ladrão, / moça bonita / do meu



coração”. Aí comecei a criar a história de uma menina que tem como pretendentes o ladrão, o soldado e o rei. Todos querem casar-se com ela, mas ela gosta mesmo é do menino do portão. Então, este poema tem uma história por trás. Aliás, se você for ver bem, cada poesia tem uma história.

- Eu queria saber qual foi a maior história que você já escreveu?

Elias – Eu escrevo para adultos, para crianças e para jovens. Comecei escrevendo para adultos e as minhas duas maiores histórias foram os romances que fiz para adultos. Para crianças, geralmente faço histórias mais curtas. Eu escrevo até para crianças da fase de alfabetização, assim como escrevo para a moçada também. E os livros vão se tornando mais grossos de acordo com a idade.

- Eu queria saber em quem você se inspirou para escrever *Os vários vôos da vaca Vivi*?

Elias – Eu li um poema de um conterrâneo de vocês, Mário Quintana, que falava que as vacas voam devagar porque gostam de apreciar a paisagem. Aquilo ficou na minha cabeça. Eu dormia, ia almoçar e ficava sempre pensando nas vacas voando e olhando a paisagem. Aí eu fui para a máquina de escrever e nasceu *Os vários vôos da vaca Vivi*.

- Roger, quantos livros você já escreveu?

Roger – São 15 livros que escrevi e illustrei. Mas também illustrei mais de cem livros de outros autores.

- De onde surgiu a história de *Uma escola assim, eu quero para mim*?

Elias – Olha, este livro tem uma história interessante. Eu trabalhava dando cursos em Itajubá, uma cidade de Minas Gerais, para as professoras que queriam ensinar de maneira diferente, alfabetizar de maneira diferente, mas elas estavam com problema para entender a teoria da Emília Ferreiro. Então, resolvi escrever uma historinha que elas entendessem. E como elas gostaram da historinha, resolvi publicar também



para as crianças. Então é um livro que serve para a criança e para a professora. Para a professora é mais ou menos um puxão de orelha, cobrando que seja mais criativa, dê mais leitura, brinque com poesia, com desenho, com história em quadrinhos, com teatro, com massinha e tudo mais. E para as crianças conta a história divertida de um menino que sofreu na escola até chegar uma professora maravilhosa, que salva a alma desse menino.

- Em que você se inspirou para escrever o livro *Todo cuidado é pouco*?

Roger – É engraçado que, depois de escrever este livro, conversando com algumas pessoas que estudam filosofia, eles falaram que o livro tem muito a ver com filosofia. Mas eu parti de um jogo de criança que diz que, se uma borboleta bater as asas em Pequim, isso pode alterar as chuvas em Nova Iorque. Por quê? Porque a borboleta bate as asas em Pequim e aquele vento desprende uma folha, a folha cai num gramaço, um animal tropeça ao tentar apanhar a folha, e assim por diante. Então, aquele bater de asas vai virando uma outra coisa sempre maior, até se chegar ao final dessa cadeia. *Todo cuidado é pouco* é sobre como as pequenas coisas que a gente faz alteram a vida dos outros. Há um personagem que morre de desgosto porque não recebeu uma carta de amor, mas ele só não a recebeu porque o carteiro a deixou cair quando foi apanhar um anel que estava no chão. Então, uma pequena coisa encadeia a outra e muda todo o rumo da história.

- Eu queria saber qual livro de vocês foi mais vendido?

Elias – Meu livro mais vendido foi *Um fantasma no porão*, porque, por uma sorte, ele foi escolhido num programa do governo para ser distribuído nas escolas. Toda escola pública brasileira, municipal, estadual ou federal, recebeu este livro. Foi impresso quase um milhão de exemplares.

Roger – Até há pouco tempo era um livro sem texto chamado *O gato Viriato* e, agora, é *Meninos do mangue*, que tem tido uma venda legal.





Ricardo da Cunha Lima

Quero agradecer o convite da Universidade de Passo Fundo e parabenizar a comissão organizadora, na pessoa da professora Tania, e também agradecer às jornadas que participam deste evento, que é sensacional. Quero agradecer a presença de todos vocês que estão aqui no público, pois vocês é que são os responsáveis por esta Jornada literária acontecer. Os últimos livros que tenho escrito são de poemas para crianças. Então, antes de começar a responder às perguntas de vocês, vou declamar alguns poemas. Não sei se vocês conhecem meus livros, *De cabeça pra baixo* e *Cambalhota*. Sim? Então vou declamar alguns poemas que estou acostumado a declamar, pois, além de escritor, também sou professor. Já dei aula para crianças da idade de vocês, mas hoje dou aula na faculdade. Eu moro em São Paulo e dou aula na Universidade de São Paulo, na Faculdade de Letras. E por incrível que possa parecer, dou aula de latim. E um dos poemas que costumo declamar, até nas minhas aulas de latim, é “O aspirador de pó”, do livro *De cabeça pra baixo*:

Meu aspirador de pó
Tinha um defeitinho só:
Era alérgico!... a pó!!!

Toda vez que eu o ligava,
Tinha um treco e se engasgava,
Tinha asma e desmaiava;
Eu sentia imensa dó:
Meu aspirador de pó
Era alérgico a pó!!!

Toda vez que era ligado,
Já ficava todo inchado,
Inteirinho empelotado,
E seu tubo dava um nó:
Meu aspirador de pó
Era alérgico a pó!!!

Mas um dia essa inchação
Terminou numa explosão
De arrasar o quarteirão:
O aparelho virou pó.
Meu aspirador de pó
“Era” alérgico a pó.

Esse vento que está passando aqui me fez lembrar de um outro poema meu, do mesmo livro, que se chama “O gigante”:

Ser vizinho de gigante
Tem a sua desvantagem:
Outro dia o grandalhão,
Quando estava de jejum,
Teve dor no barrigão
E acabou soltando um pum.



Resultado catastrófico:
Veio até televisão
Pra mostrar o acontecido,
Todo estrago produzido
Pela fúria do tufão!
Mas que baita furacão!!!

Agora vou declamar um poema do livro *Cambalhota*,
chamado “A cadeira automática”:

Um maluco fabricante
Inventou essa cadeira
Com assento que levanta:
Um invento interessante
Pra ajudar uma pessoa
Que não tem saúde boa,
Para aumentar a agilidade
Dos que estão com muita idade
Ou deixar em pé num ato
Quem se encontra adoentado
Ou fracote e enferrujado.

E tem mais uma vantagem:
Esse novo equipamento
Vem com uma regulação
Que controla o grau do impulso,
Permitindo o uso avulso:
Você vai poder mandar
Pelos ares as visitas.
Irritantes e malditas.
Mas o fabricante avisa:
Não se responsabiliza
Se ocorrer um acidente
E você mandar distante
Um amigo ou um parente.

Bem o caso dum compadre
Que esquecera a regulação
Numa escala mais potente.



Não deu tempo de salvar
Seu avô, que, após jantar,
Se sentou pra ver novela
E voou pela janela!

- Como você escolheu essa profissão?

Ricardo – Sabe, na verdade foi meio sem querer. Quando escrevi o primeiro livro, eu realmente não pensava em ser escritor. Este primeiro livro chama-se *Lambe o dedo e vira a página*. Olha que nome! Comecei a escrever o livro quando tinha 16 anos de idade, porque eu gostava de escrever, e demorei dois anos fazendo o livro. Quando ficou pronto, acabei levando-o a uma editora, que acabou publicando-o. Foi depois disso, porque o livro fez sucesso e foi premiado, que recebi outros convites e achei, então, que poderia continuar escrevendo.

- Com quantos anos você começou a fazer poemas?

Ricardo – Os poemas vieram depois, é uma coisa mais recente, porque meu primeiro livro, do qual acabo de falar, contava uma história. Comecei a escrever os poemas juntando antigas idéias que eu tinha desde os 12-14 anos, mas o livro só ficou pronto no ano 2000, quer dizer, eu tinha 34 anos quando o livro foi publicado.

- De qual dos seus livros você gosta mais?

Ricardo – Eu gosto de todos os livros que escrevi, porque escrevi poucos. Ao todo, até hoje, são seis livros que tenho publicados, e o sétimo deve ser publicado no ano que vem. Também tenho outros dois livros que são para adultos, da minha área de latim. Então, são poucos livros para tantos anos, e é difícil falar de um em especial. Eu gosto de todos, tanto é que os meus dois livros de poemas são dedicados para os meus dois filhos: o primeiro para o primeiro filho, o segundo para o segundo filho. Agora, que eu tenho uma filhinha, o terceiro vai ser para ela. Não tem como eu falar que gosto mais de algum filho, nem de algum livro.





Daniel Mundurucu

Lá no meu povo, quando vamos visitar um lugar, uma casa, precisamos fazer uma saudação para as pessoas que estão ali. Esse cumprimento é feito por quem chega. E como eu vim aqui visitar a casa de vocês, quero fazer essa saudação. Boa tarde a todos meus amigos e amigas aqui presentes, eu espero que este encontro seja tão bom para vocês como vai ser para mim. Não é bonita esta saudação? É uma saudação de quem chega e quer se encontrar com as pessoas, não veio para brigar, não veio para sofrer, veio para se encontrar e para rir junto.

Lá na floresta, de onde eu vim, aprendemos muito ouvindo histórias dos mais velhos, das pessoas mais sábias, os quais contam as histórias para as crianças sentadas no chão. O velho senta em um banco e, quando ele fala, todo mundo tem que fazer silêncio, tem que ouvir o que ele fala. Lá as crianças também gostam de ficar falando umas com as outras, como vocês aqui. E para chamar a atenção, o velho fala uma só palavra, e então acontece uma magia: todo mundo faz silêncio. Fica um silêncio tão grande que dá para ouvir pum de mosquito. Então, as crianças, desde pequenininhas, aprendem a ouvir, mas não a ouvir só com os ouvidos. Temos de ouvir também com o coração. É onde moram nossas his-

tórias, todas as histórias. E para conhecê-las é preciso fazer silêncio, e não só silêncio da boca, porque é fácil fechar a boca, mas fazer silêncio aqui dentro, na cabeça.

O difícil é segurar o nosso pensamento. Nós começamos a pensar na mãe, no pai, no namorado, na namorada, e o pensamento foge, escapa. Mas lá na floresta aprendemos desde pequenininho que é preciso saber fazer silêncio, e sabem por quê? Porque quem não faz silêncio na floresta não sobrevive. A floresta é muito perigosa, tem muitos animais selvagens, tem muitos rios que são violentos. Então, é preciso saber fazer silêncio. Os nossos avós até dizem que quem não consegue fazer silêncio, quem fala demais, quem é muito tagarela, não pode sobreviver por lá, porque não percebe quando o perigo vem chegando.

Eu queria dizer que é uma alegria bem grande estar aqui com vocês, na Jornada, na Jornadinha, e poder estar partilhando um pouco as histórias da floresta que escutamos dos nossos avós. Quero compartilhar com vocês um pouquinho essa magia que é viver num lugar diferente e falar uma língua diferente, mesmo vivendo sobre a mesma terra e estando no mesmo país. Aqui em Passo Fundo também tem pessoas que falam línguas diferentes e têm costumes diferentes, e é disso que trata a Jornadinha deste ano, da diversidade das culturas. Vocês sabem que aqui pertinho de vocês tem o povo caingangue, e o povo guarani também vive por esta região. São dois povos diferentes, nem melhores nem piores que outros, mas cada um tem uma vida própria deles. E assim também é o povo munduruku, de que faço parte.





Eu já publiquei nove livros de poesias e, desses, quatro são para crianças. Um deles é *Pequenas observações sobre a vida em outros planetas*; o outro é *O baú do Gogó*; o terceiro se chama *É tudo invenção*, e o quarto tem um título que começa com vários emes, *Mmmmonstros!* e está sendo lançado aqui em Passo Fundo. Eu também tenho uma banda, são os Poetês, que já lançou um CD. Agora, eu vou apresentar para vocês alguns poemas-planetas:

Planeta Poft

Em Poft,
o pum é perfumado.
Quando um
solta o seu traque,
todo mundo
vem pro seu lado.
E se põe a comentar:
oh, como melhorou o ar!

Planeta Nasus

Em Nasus,
o nariz tem três buracos:
dois para respirar,
como os nossos de terráqueos,
e um para espirrar.

Quando vem o resfriado,
ninguém fica fanho.
Só um buraco tem ranho.

Planeta Poesia

No Planeta Poesia,
quando um fala “Bom dia”,
o outro diz: “Como vai a tua tia”.
Todo mundo é poeta,
do mais sábio
ao mais pateta
Um simples “Boa tarde”
é seguido de “covarde”,
“alarde”, “arde”.
E é isso o dia inteiro,
e é assim todo dia.
Só de pensar, me dá azia.

Planeta Sujs

No Planeta Sujs,
ninguém toma banho.
O tempo passa,
o sol esquentá,
o suor vira em nhaca,
o chulé aumenta.
Dentro das orelhas,
a cera vira crosta.
É um fedor,
mas todo mundo gosta.

Planeta Perdido

Pra que lado fica
o Planeta Perdido?
Dobre à direita,
siga galáxia adentro
até a última estrela.
Ainda não é aí.
Siga mais sete planetas
e depois vire à esquerda.
Quando disser: “Ih, tô perdido”,
Achou.



- Ricardo, de onde veio a idéia de fazer esse livro dos planetas?

Silvestrin – Para fazer este livro, primeiro, eu tive a idéia de inventar vários planetas e fazer um poema para cada planeta inventado. Então, logo me apareceu essa pergunta, que sempre fazemos, sobre se existe vida nos outros planetas. Vocês sabem que há vários filmes e seriados de televisão em que aparecem extraterrestres. Eu mesmo vi muitos filmes desses na minha infância. Daí acabei criando os planetas deste livro, nos quais muitas coisas diferentes acontecem.

- Daniel, como você aprendeu a escrever?

Daniel – Olha, eu aprendi a escrever indo para um lugar que vocês conhecem bem, que se chama escola. Porque, quando eu era pequenininho, também freqüentava a escola como toda a criança. Mas antes de aprender a escrever aprendi a ler. Sabe como? Eu não lia as palavras, porque não sabia, mas já lia as estrelas. Quando eu tinha sete anos, também já sabia ler a pegada de um animal, já sabia ler o vôo do pássaro, já sabia ler o tempo para dizer se ia chover ou não. Essa é a nossa forma de ler entre os índios, e os nossos avós ensinam que a natureza escreve as coisas, e quem é alfabetizado nisso, nessa leitura da natureza, consegue ler tudo. Então, essa foi a minha primeira leitura. Depois fui para a escola para aprender a ler as palavras e os desenhos.

- Eu queria perguntar há quantos anos os dois escrevem?

Silvestrin – Depende, se eu considerar que desde os 15 anos eu já fazia letras para uma banda de rock bem barulhenta que queríamos montar, então eu posso dizer que escrevo desde essa idade.

Daniel – Eu comecei a escrever há uns dez anos, pelo menos foi nessa época que lancei o meu primeiro livro. Antes, é claro, eu também escrevia, mas parece que só viramos escritores quando nasce um livro.



- Por que você escreveu *É tudo invenção*?

Silvestrin – Neste livro, primeiro eu escrevi “A invenção da dança” e, depois, descobri que podia criar outras invenções. Então, fiz os outros poemas.

- O que você sentiu quando foi convidado para a Jornadinha?

Daniel – Pergunta difícil não vale. Eu já tinha ouvido falar sobre a Jornada e a Jornadinha há algum tempo. Aliás, eu morria de inveja dos escritores que vinham para cá, porque eles voltavam para o centro do país e diziam que o pessoal aqui em Passo Fundo lia de verdade, que a criançada já vinha com os livros lidos. Então, eu ficava pensando se um dia eu não seria convidado também. Finalmente esse dia chegou e fiquei muito emocionado. Já tinha até compromisso marcado para esta época e desmarquei tudinho para poder vir aqui me encontrar com vocês.

- Daniel, você mora na cidade ou na tribo?

Daniel – Olha, hoje moro na cidade. Já faz algum tempo que saí do meio do meu povo, da minha aldeia. Eu tinha 15 anos nessa época. É claro que volto para lá sempre, mas fixei moradia na cidade e atualmente vivo em São Paulo, que foi um lugar que me acolheu bem e onde acabei também fazendo os meus livros.

- O que levou você a escrever o livro *Coisas de índio*?

Daniel – Acontece que descobri que as crianças e professores não tinham muito material para fazer pesquisa sobre os costumes indígenas. Então, resolvi fazer um livro falando sobre como é que o índio mora, como ele se casa, como ele caça, como faz seus instrumentos musicais, e chamei isso tudo de *Coisas de índio*. Este livro mostra as nossas coisas, as coisas que fazemos e que produzimos no nosso dia-a-dia.





Regina Machado

Eu acabei de falar, lá na outra loninha, que eu queria ser cantora, mas sou uma péssima cantora. Então, eu vou ensinar uma música para cantarmos junto, e aí, quem sabe, eu melhoro um pouquinho o meu canto. A música é assim: “Abre a roda, tindolelê, / abre a roda, tindolalá, / abre a roda tindolelê, / ô tindolelê, ô tindolalá.” Vamos cantar? (Crianças cantam junto.) Viram como um canto é bom pra se esquentar? Eu sei que não temos muito tempo aqui, porque há os outros escritores que também vêm falar com vocês, mas tudo aquilo que eu poderia dizer está escrito nos meus livros. Então, eu quero agradecer muito por poder estar aqui, olhando para vocês, dividindo este momento com vocês.



Eu fiquei sabendo que essas meninas aqui da frente vieram de Panambi e tiveram que acordar bem cedo, às 6 horas da manhã, para vir para cá. Vocês sabiam que tem um livro meu, para adultos, que conta uma história de Panambi? A história é sobre um homem louco que foi para Panambi e mandou não tocar mais os sinos da igreja. Quando vocês voltarem para casa, peçam para o pai, para a mãe, para o avô, para a tia, para o padrinho ou a madrinha contar para vocês a história dos sinos de Panambi.

Quando comecei a escrever para crianças, o cara de que eu mais gostava, e que infelizmente já morreu, era o grande poeta gaúcho Mário Quintana. Para mim, Quintana se tornou um ídolo e um guia, pela forma como ele escrevia para crianças. Tem uma história do Quintana que é sobre um anjo, a história do Anjo Malaquias. Todo mundo sabe que anjo tem asas nas costas, mas vocês sabem onde foram nascer as asas do Anjo Malaquias? Pois foram nascer no traseiro, por isso ele voava torto, era um anjo errado. Eu quero recomendar a vocês que procurem na biblioteca de sua escola os livros do Mário Quintana, onde vão encontrar esta e outras histórias muito engraçadas.

Há um livro que Quintana provavelmente escreveu se mijando de rir, para que as crianças, quando o lessem, também se mijassem de rir. O nome deste livro é *Batalhão das letras*, onde em cada página há um poema para uma letra do alfabeto. O poema para a letra X, para vocês terem uma idéia do livro, é assim: “Com X se escreve xícara, / com X se escreve xixi, / não faça xixi na xícara, / o que irão dizer de ti?” Viva o Mário Quintana, viva todos os escritores brasileiros e viva a Jornadinha de Passo Fundo!

- Regina, quantos livros você já fez?

Regina – Quatro livros.

- Qual livro vocês mais gostaram de escrever?

Carlos – Esta é a pergunta mais difícil para um escritor responder. Se eu perguntar para as meninas, que têm coleção de ursinhos ou de bonecas, e para os meninos, que têm coleção de carros e de outras coisas, de qual peça da sua coleção gostam mais, duvido que alguém consiga responder com toda a clareza e certeza. Então, vamos colecionando livros e na nossa coleção todos os livros que fazemos são importantes, não há nenhum melhor que o outro.

Regina – Eu gostei de todos os livros que escrevi e também não saberia dizer de qual gostei mais.

- Eu gostaria de saber em quem você se inspirou ao fazer o livro *Formiga Aurélia*?

Regina – No caso deste livro não me inspirei em nenhuma pessoa em especial. Mas tenho outro livro, *Nasrudin*, em que há um palhaço que se chama Nogueira, o qual foi inspirado num amigo meu, o Wellington Nogueira, que se apresenta nos hospitais e faz palhaçada para as crianças que estão doentes. Então o personagem Nogueira foi inspirado num palhaço real.



- Quando vocês começaram a escrever livros para crianças?

Carlos – Eu tenho 57 anos agora e tenho idade para ser avô de todos vocês aqui, mas comecei a escrever livros infantis bem tarde, porque eu era jornalista e escrevia reportagens, entrevistas e notícias. Foi com 36 anos que publiquei o meu primeiro livro infantil, o que aconteceu depois de ter filhos. Se eu não tivesse tido filhos, não me tornaria escritor para crianças, porque foi contando histórias para os meus filhos dormir que um dia me sentei e escrevi o meu primeiro livro. Este livro conta a história de um gurizinho que tem um negócio no olho e, por causa disso, faz confusão de cores. O nome do meu primeiro livro é *Um guri daltônico*.

Regina – Eu demorei muito para começar a escrever. Existe uma história muito antiga de um rapaz que tinha todas as histórias que ele sabia guardadas numa bolsa, as quais não contava para ninguém. Ele guardava as histórias dentro da bolsa, mas eles começaram a brigar lá dentro, porque já não cabiam mais. Era muita história que ele ia enfiando naquela bolsa. Um dia, as histórias resolveram fugir. Pois bem, eu também guardava as minhas histórias para mim, mas chegou um momento em que tive vontade de dividir as histórias que conhecia com um grande número de crianças. O melhor jeito de fazer isso era escrevê-las, e foi o que eu fiz.

- Como vocês se sentiram quando escreveram o primeiro livro?

Carlos – Acho que me senti do mesmo jeito que a tua mãe e teu pai se sentiram naquela horinha certa em que tu nasceste, quando estavam no hospital, lá na maternidade. Pai e mãe ficam abobalhados, ficam se babando de alegria em torno do filho. Então, quando um escritor publica seu primeiro livro, ele também se sente pai, mãe, na maternidade, louco para ver como o filho é. Acho que foi essa a sensação que tive quando foi publicado meu primeiro livro. Eu estava superbo-



bo e ligava para todos os amigos falando que estava nascendo meu último filho, meu primeiro livro.

Regina – A sensação que tive é como se estivesse num circo, igual a este aqui, pendurada em um trapézio sobre uma porção de crianças. No trapézio havia um saco cheio daquelas estrelinhas coloridas, e eu tinha que jogar estas estrelinhas para todos os lados para que as crianças as apanhassem. Então, eu ficava ali atirando as estrelinhas sem saber se as crianças iam apanhá-las ou não.





Estou muito contente por ter sido convidado para este evento. Esta é a primeira vez que participo da Jornadinha e também é a primeira vez que venho a Passo Fundo. Estou muito assustado com a quantidade de pessoas que vejo aqui, reunida por causa dos livros. Não sei se vocês têm consciência disso, mas o que está acontecendo aqui não acontece, na mesma proporção, em nenhum outro lugar do mundo. Essa é uma criação de Passo Fundo, é uma coisa muito particular daqui, uma coisa na qual vocês são os atores principais. É muito impressionante ver tantas pessoas reunidas e, mais do que isso, saber que vocês já leram nossos livros. Alguém até pode reunir uma platéia grande como esta, mas dificilmente haverá outra platéia deste tamanho que já leu o que nós escrevemos. Isso dá certo medo, porque, se vocês conhecem o que escrevemos, podem nos criticar com mais facilidade, porque têm uma certa intimidade conosco.

Felizmente, os leitores acabam se tornando cúmplices das histórias que lêem, porque o sentido que estas histórias vão ter, no final, depende dos leitores. As histórias são todas inacabadas, os personagens nunca são completos, as tramas nunca são totalmente esgotadas. Por isso, a imaginação dos leitores é essencial para completar o sentido do livro. Então, todo leitor é também um pouco autor do livro que lê, porque o mesmo livro lido por duas crianças acaba se transformando

em dois livros diferentes. Por isso, é bom estar aqui com vocês todos, que são os meus co-autores.

Quero terminar dizendo que uma coisa que me faz mais feliz aqui na Jornadinha é ter encontrado o meu amigo Walcyr, que eu não via há uns vinte anos. Nós nos conhecemos desde a juventude, mas São Paulo é uma cidade tão grande, tão estranha, tão misteriosa... Eu vivo em São Paulo, e ele vive em São Paulo. Da minha casa até a casa dele, a distância é facilmente percorrível, mas não nos vemos, porque a cidade toma conta de nós. Então, acabamos nos encontrando apenas em ocasiões muito especiais, como esta aqui em Passo Fundo.





Para mim também é uma grande alegria estar aqui, por ter encontrado o Reginaldo e por encontrar vocês. É maravilhoso ver tantas pessoas reunidas para falar sobre livros, que são uma coisa fundamental. Eu venho de uma família mais ou menos pobre e nasci numa pequena cidade do interior de São Paulo. Nesta cidade não tinha nem televisão na época em que eu era criança, mas, apesar disso, eu me tornei escritor. Isso porque, quando eu tinha mais ou menos 10-11 anos, uma amiga minha, uma vizinha, me emprestou a coleção de livros de Monteiro Lobato. Se hoje eu sou uma pessoa que cheguei a lugares tão bacanas, tão legais na minha vida, é porque tudo começou com um livro. Deixem o livro fazer o mesmo por cada um de vocês.

- Foi difícil para você escrever o livro *A corrente da vida*?

Walcyr – *A corrente da vida* é um livro sofrido. Eu sempre costumo dizer que o escritor escreve com seu coração, com sua emoção. O livro conta a história de um garoto que tem aids. Então, naturalmente, ao escrever o livro, eu sofri junto com o personagem. Na época em que a aids chegou ao Brasil, chegou muito forte e não tinha remédio. Vi muita gente morrer de aids, pessoas que eu conhecia, com as quais convivi. Mas para escrever o livro, precisei também fazer uma pes-

quiza médica. Então, visitei alguns médicos para não falar bobagem no livro. Entrevistei médicos, convivi com pessoas doentes, e o que percebi muito fortemente em pessoas contaminadas pela aids é que elas eram abandonadas pelos seus amigos. Por isso, eu quis fazer o livro falando sobre a solidariedade, sobre como podemos ajudar uma pessoa doente que está precisando da gente. Eu precisei reunir conhecimento científico e a minha emoção para falar sobre isso. Mas *A corrente da vida* é um livro legal, que o escrevi com muito amor, porque pensei em vocês quando o escrevi. Daqui a pouco vocês vão se apaixonar de verdade, vão ter o seu primeiro grande amor, e hoje é muito mais difícil começar a vida amorosa, porque pode ter alguém que tenha aids e não saiba. Então, você tem que pensar também nos cuidados que deve tomar quando namorar outra pessoa, porque pode, sem querer, contrair o vírus. Esses cuidados que você deve tomar no início da vida amorosa podem ser indicados pela professora, pela mãe, pelo pai, por diferentes pessoas. Então, eu também quis falar sobre isso, sobre essa dificuldade de um primeiro grande amor nos dias de hoje.

- Gostaria de saber se o Reginaldo frequentou algum centro de umbanda para escrever o livro *Xangô, o trovão*?

Reginaldo – Este livro é baseado no meu trabalho como sociólogo. Eu sou professor de Sociologia na Universidade de São Paulo, e a minha especialidade é a Sociologia da Religião, disciplina que estuda as diferentes manifestações de sentimentos religiosos. Como vocês sabem, no Brasil nós temos mais de duzentas religiões diferentes. Como são muitas religiões, os pesquisadores têm de se especializar em algumas delas. A minha área de especialização na universidade são as religiões afro-brasileiras, que incluem o batuque do Rio Grande do Sul, o tambor de mina do Maranhão, o xangô de Pernambuco, a umbanda do Rio de Janeiro e de outros lugares, e assim por diante. Então, na verdade, a diferença entre o trabalho do escritor que escreve ficção e o trabalho do soció-



logo é que o sociólogo só pode escrever sobre aquilo que ele pesquisa intensamente. Evidentemente, se estudamos religiões na academia, temos de freqüentar os lugares em que são professadas essas religiões; se estudamos catolicismo, vamos às igrejas, aos grupos de oração, às procissões; se estudamos as religiões evangélicas, vamos assistir aos cultos nas igrejas protestantes; se estudamos religiões afro-brasileiras, freqüentamos os terreiros. Eu já freqüentei milhares de terreiros, inclusive no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre e em outras cidades do interior, registrando, pesquisando e fotografando as atividades ali desenvolvidas. Além disso, freqüento muitos terreiros como amigo das pessoas, porque acabei conhecendo pessoas, travando uma relação de amizade, enfim, criei laços afetivos com as pessoas que estudo, pois este estudo não é frio e distante. Se começamos a trabalhar com estas crianças aqui, futuramente vamos ter laços de amizade e de carinho com elas. Então, freqüento muitos terreiros mesmo hoje, quando já não faço mais aquilo que se chama “pesquisa de campo”, que é a pesquisa feita no local. Eu ainda volto para visitar meus amigos e meus companheiros. Todas as histórias que relato nos livros que compõem a trilogia dos orixás, que são *Ifá, o adivinho, Xangô, o trovão e Oxumarê, o arco-íris*, foram ouvidas nesses terreiros de religião afro-brasileira.

- Eu li o livro *Ifá, o adivinho* e gostei muito. O que te inspirou a fazer este livro?

Reginaldo – Olha, não sei se vocês sabem, mas os pais e os professores de vocês devem saber que há uns dois anos existe uma lei federal que obriga as escolas de 1º e 2º graus a ensinar, como parte efetiva do currículo, um pouco da história da África e das tradições afro-brasileiras. Essa lei foi proposta por uma deputada federal aqui do Rio Grande do Sul e, quando ainda estava em tramitação no Congresso, já havia uma preocupação em preparar livros que depois pudessem ser usados nas escolas para subsidiar o estudo da mitologia afro-brasileira. A mitologia é a reunião das lendas que



contam as aventuras que milhares e milhares de anos atrás teriam acontecido com deuses, heróis e personagens das religiões. Mas praticamente não havia livros que tratassem de uma mitologia africana no Brasil, quer dizer, existiam livros eruditos, mas não livros voltados para crianças e jovens. Então, a minha editora me propôs que eu fizesse, baseado no meu trabalho de pesquisa, um livro para crianças contando as aventuras dos orixás. Eu não sabia fazer nada disso, nunca tinha mexido com literatura infanto-juvenil, pois meu trabalho sempre foi na área da sociologia. Mas, por essa época, eu fui à casa de um amigo e lá um pai-de-santo jogava búzios para todo mundo. Era uma festa, e ele jogava os búzios e fazia as previsões daquele ano para cada pessoa que estava presente. Aí, ele jogou os búzios para mim e disse que, a partir daquele ano, eu iria mudar de profissão e me tornar escritor. Eu respondi que até gostaria de mudar de profissão, mas que já era escritor desde os vinte anos de idade e já tinha publicado até então 14 livros. O pai-de-santo falou então que a partir daquele ano eu iria mudar completamente de área, iria trabalhar primeiro com livros infantis e depois me dedicar inteiramente à ficção, deixando a sociologia de lado. Essas coisas vieram mais ou menos juntas. Eu escrevi o *Ifá*, que ganhou muitos prêmios depois, fiz um outro e mais outro, e quando vi já estava muito mais preocupado em trabalhar com literatura infanto-juvenil do que com a minha velha sociologia. O livro do *Ifá* mudou a minha vida, porque deixei de fazer o que fazia e passei a fazer outras coisas.

- Eu tenho duas perguntas para o Walcyr. Primeiro, gostaria de saber se ele, quando adaptou *Os miseráveis*, fez alguma mudança importante no livro? Depois, queria saber se ele realmente acredita na reencarnação do espírito, como aparece na novela *Almas gêmeas*?

Walcyr – Bem, de fato, traduzi e adaptei um livro chamado *Os miseráveis*, do autor francês Victor Hugo. Essa adaptação, inclusive, ganhou a menção de “Altamente Reco-



mendável” da Fundação Nacional do Livro. O original francês é maravilhoso, e existem algumas traduções do livro inteiro para o português, mas têm centenas de páginas. Então, obviamente, eu diminuí bastante o livro, mas deixei aquilo que é essencial para a trama. Cortei bastante as descrições, porque o original é muito descritivo, diminuí as reflexões que o autor faz e deixei a trama em si. Este livro do Vitor Hugo já foi transformado em peça de teatro, em filme; é um livro que quem leu vai querer reler algum dia por inteiro, porque é maravilhoso. A segunda pergunta é sobre a reencarnação, se eu acredito nela. A resposta é que eu acredito, mas eu quis escrever a novela *Almas gêmeas* para que as pessoas pudessem debater o assunto e chegar a sua própria conclusão. A novela não apresenta uma conclusão definitiva, pois cada pessoa tem o direito de acreditar na reencarnação ou não. Eu procuro respeitar na novela quem é protestante, quem é católico, mas também falo de outras possibilidades, de outras coisas referentes ao mundo esotérico. Pessoalmente, gosto de tudo que é esotérico.

- Como você se sentiu quando sua literatura começou a virar novela?

Walcyr – Olha, na verdade, a minha literatura não virou novela. Eu escrevo livros e escrevo novelas, mas nunca peguei um livro meu e transformei em novela. O que sinto é que houve uma mudança muito grande quando deixei de escrever só literatura e teatro e comecei a escrever para a televisão. Realmente, é uma experiência fascinante escrever para a televisão, porque se vê a coisa no dia, se assiste a um capítulo e já se ouve o que dizem as pessoas na rua sobre este capítulo. Fica-se sabendo da opinião das pessoas o tempo inteiro. Então, isso fica fazendo parte da nossa vida.





Vou ler um poema escrito para vocês cujo título é “Passo Fundo”:

Desde a terra de Sancho Pança,
Do outro lado do mundo,
Vim falar com as crianças
De Passo Fundo.

Vim de muito longe,
Mas nem tanto,
Pois somente existe autor
Quando o livro está nas mãos do leitor.

Voam os livros e eu vôo com eles também.
Não existe nada melhor que voar, ou seja, ler.
Venho para falar, venho para ler.
Se quiserem me escutar,
Amigos iremos ser.

Para este outro poema, necessito da participação de todos. Cada vez que eu terminar um verso, vocês devem repetir: Quá, quá, quá. Está combinado? Então, vamos lá:

Este pato que nada pela tua piscina, quá, quá, quá,
Quando canta não desafina, quá, quá, quá.
Este pato que voa sobre a minha barra, quá, quá, quá,
Quatro vezes atirou uma barra, quá, quá, quá.
Este pato que corre pelo jardim, quá, quá, quá,
Qualquer dia anda de patim, quá, quá, quá.
Este pato que salta o meu parapeito, quá, quá, quá,
Quando pára fica perfeito, quá, quá, quá.
Este pato que pinto sobre uma tela, quá, quá, quá,
Quasímodo assusta-se com ela, quá, quá, quá.

Agora, vou declamar um poema sobre as diferenças, que aborda justamente o tema central desta Jornadinha:

Os pequenos, os médios, os mais sábios,
Os altos, os enormes, os loiros e os morenos,
Os de cabelos castanhos, os gordos e os mais magros,
Os espertos, os mais torpes, os que caminham descalços,
Os que sapatos calçam,
As crianças, os adultos, os velhos e também os jovens,
Os de pele escura, os de pele branca,
As mulheres e os homens,
Todos têm algo diferente
Mas são todos seres humanos.





Este evento da Jornadinha e também da Jornada, neste ano, tem como tema a diversidade cultural. Vocês acabaram de ouvir alguém que é bem diferente de nós, que veio lá de Málaga, na Espanha, e teve de atravessar o oceano Atlântico para chegar aqui e andar ainda muitas milhas por terra. Se ele estivesse montado num pingo, ele iria chegar só no mês que vem. Mas, como tem avião, ele chegou antes para participar deste fandango literário. Vejam só, o Antonio tem o sotaque bem carregado, de alguém que fala castelhano, que é a língua dos espanhóis. Já eu venho de São Paulo, de uma cidade chamada Ribeirão Preto, e também tenho um sotaque diferente do de vocês. Vocês falam muito cantado, e quando eu falo “porta”, por exemplo, vocês estranham a minha pronúncia. Vejam que engraçado, são dois sotaques diferentes, ou três, contando com o do Antonio, com o meu que vem lá de São Paulo e com o de vocês, que são aqui de Passo Fundo. Isso se chama diversidade cultural.

Também o livro que escrevi, e que alguns de vocês têm em mãos, chamado *O grito do hip hop*, fala dessa diversidade. Vocês sabem que nós, quando moramos na cidade grande, nem sempre conseguimos morar decentemente. É difícil ter uma casa com quarto só para você, com água encanada, com esgoto e todos os recursos básicos. Há milhões de pessoas neste país que moram nas periferias das grandes cidades. Então

esse livro, *O grito do hip hop*, trata do movimento *hip hop*, que vem da periferia. O livro pretende retratar esse movimento para vocês que estão do outro lado do muro, porque existe um muro invisível que divide as cidades, que é o muro econômico, é o muro das diferenças de classe. Enquanto vocês podem ir ao *shopping*, milhões de pessoas que moram no Brasil nunca foram a um *shopping*. Há pessoas que nunca entraram em um elevador, vocês podem acreditar nisso? Milhões de pessoas neste país não freqüentaram a escola. Tem pessoas que não vão à escola simplesmente porque não tem escola onde moram. Tem pessoas que oficialmente nem existem, olhem que absurdo. Milhões de pessoas não têm certidão de nascimento neste país. Nós, aqui, temos certidão de nascimento, temos identidade, somos cidadãos. Então, meu livro retrata tudo isso.

- O que inspirou você a escrever o livro *Deus me livre*?

Luiz – O livro *Deus me livre* segue na mesma linha de discutir questões sociais. O livro retrata outro assunto polêmico, que é a falta de moradia nas cidades brasileiras. Se eu fosse economista, eu diria que o *deficit* de moradia neste país é realmente absurdo. Em linguagem comum, isso significa que não existem casas para todo mundo morar. Este livro retrata a angústia das pessoas que precisam fazer um movimento para conseguir que aquele espaço ocupado por elas seja realmente registrado como sendo delas. É o problema dos sem-casa. Se abrirmos um pouco mais o foco de observação, vamos ver que é o mesmo problema dos sem-terra, que existe desde aqui no Rio Grande do Sul até o Acre, passando por milhares e milhares de quilômetros. Temos um país riquíssimo e uma população paupérrima, e eu busquei discutir isso no meu livro.

- Antonio, você escreve todos os livros em castelhano ou também em português?

Antonio – Todos em castelhano, mas alguns poemas traduzi para o português aqui, com a ajuda da professora Rosane Zimerman.

- Antonio Yebra, eu sou professora de espanhol e português na escola e, junto com meus alunos, trabalhamos muitís-



simo seu livro *Un conejo en el armário*. Por isso, é com grande emoção que hoje estamos aqui, todos juntos, para dar-te um regalo, que é a tradução do seu livro feita por nós. E eu quero perguntar se você tem a intenção de publicar seu livro em português para que todas as crianças do Brasil possam lê-lo também?

Antonio – Muito obrigado. Minha intenção é publicá-lo, porém tenho que falar primeiro com a minha editora. Quais são as crianças que fizeram a tradução? Levantem-se, por favor. Depois, na mesa de autógrafos, eu lhes darei a todos uma recordação minha.

- Luiz, eu queria saber no que você se inspirou para escrever *O tráfico de anjos*?

Luiz – Para escrever *O tráfico de anjos* eu me baseei também num terrível problema que nós temos no Brasil. O livro aborda uma questão social muito séria, principalmente aqui na região Sul, do Paraná para baixo, que é o tráfico de crianças: crianças, bebês, são roubados de suas famílias e são vendidos para casais espanhóis, italianos, franceses ou até israelenses. Muitas vezes, esses casais não sabem que estão comprando uma criança. O pai estrangeiro vem para adotar um filho no Brasil e entra em contato com alguém que faz a intermediação entre ele e as supostas famílias das crianças, então, sem querer, acaba comprando um filho. O pai estrangeiro é incentivado a ajudar não só aquela criança, mas também a mãe dela, que os intermediadores apresentam quase sempre como pobre e solteira, mas, na verdade, não existe mãe solteira nenhuma. O chefe da quadrilha, geralmente um sujeito bem falante, convence os estrangeiros a fazerem uma doação para essas supostas mães, e assim gira muito dinheiro nesse negócio. Há um roubo descarado de crianças, e lá se vão mais de mil crianças por ano para fora do país, justamente no que chamamos de “tráfico de anjos”. Foi essa minha inspiração para este livro.



- Eu queria saber se você já teve uma missão, como a personagem do livro *Missão no Oriente*?

Luiz – Não, eu não tive. Este livro trata dos brasileiros descendentes de japoneses que vão para o Japão trabalhar em serviços que os japoneses não querem mais fazer. Ganham muito dinheiro lá. É até ridículo dizer, pois o que se ganha no Japão é muito mais do que se ganha aqui. A missão da Mônica, a personagem do meu livro, é justamente encontrar o avô dela no Japão e reaproximá-lo da família, que está aqui no Brasil, e também trabalhar lá para ganhar dinheiro. Em *Missão no Oriente* estou resgatando essa realidade brasileira de pessoas que precisam ir trabalhar fora do país para poder trazer dinheiro para o sustento de sua família.

- O que o levou a escrever sobre a violência no *Grito do hip hop*?

Luiz – Na verdade, o escritor sente a necessidade de traduzir a realidade que está a sua volta. A realidade que nós discutimos neste livro é a da periferia das grandes cidades brasileiras. É uma realidade violenta, sim. A história é ambientada numa região periférica de São Paulo, que possui quase dois milhões de habitantes. Aqui em Passo Fundo, há cerca de 180 mil habitantes. Se multiplicarmos 180 mil por 10, se aumentarmos dez vezes a população de Passo Fundo, não chega ainda ao número de pessoas que vivem na região sul da cidade de São Paulo. Aqui, pelo que eu sei, vocês possuem quatro hospitais. Se também multiplicássemos esse número por dez, teríamos quarenta. Mas nessa região de São Paulo em que se passa a história só existe um hospital, que fica em Campo Limpo. Então, estou falando dessa realidade brasileira, que é muito violenta e injusta. E vocês precisam, nas escolas, discutir essa realidade que é nossa. Nós não temos estudo, não temos saúde, não temos alimentação decente neste país. Nós precisamos ter consciência crítica a respeito desses assuntos.





Silvana Gontijo

Que coisa linda esta recepção! Quando fui chamada para vir aqui, eu não conhecia Passo Fundo e não tinha idéia da quantidade de pessoas que vocês conseguem reunir para falar da coisa que eu mais gosto de fazer, que é escrever e ler. Eu estou encontrando aqui alguns amigos de muito tempo, que também são escritores, como o Daniel Munduruku, o que foi uma grata surpresa para mim, porque o livro sobre o qual eu vou falar aborda justamente a relação entre brancos e índios. O livro se chama *A aventura da comunicação*, no qual eu mostro que, através da comunicação, todas as diferenças podem ser resolvidas, quer dizer, o que antes se resolvia através do arco, da flecha, da briga, da luta, do tiro, hoje pode ser resolvido pela comunicação. Eu gostaria muito que o Bush, lá dos Estados Unidos, ouvisse isso. E aqui no Brasil mesmo, quantas vezes nos desentendemos e já partimos para a briga? Quem tem irmão aqui e já não brigou com ele? Mas se conversasse com jeitinho, não resolveria de uma forma melhor? E quando queremos uma coisa do pai e da mãe, vai resolver batendo? Não, é claro, porque eles são maiores e são o pai e a mãe.

Então, se todo mundo se comunicar melhor, se todo mundo conversar em vez de partir para a violência, vamos ter mais paz. Quem tem medo de violência aqui hoje? Quase ninguém? Pois é, Passo Fundo ainda é um lugar calmo, mas eu moro

no Rio de Janeiro, e lá a violência é grande. O Rio de Janeiro é muito mais violento, mas acho que todas as diferenças podem ser resolvidas com a palavra. Não há uma discordância que não possa ser resolvida com a palavra. E o interessante é que muitas vezes não é a palavra que é o mais importante, e, sim, um olhar amoroso, um carinho, um beijo. Então, o mais importante, para mim, quando escrevo, é que meus personagens tenham uma necessidade muito grande de conhecer os outros e busquem se comunicar com os outros. Eles buscam entender o outro e buscam soluções pela comunicação para todos os conflitos.

Uma das grandes diferenças que temos no Brasil é a diferença cultural. Há uma grande diversidade de culturas, e o que o Daniel tem para nos contar é muito rico, assim como eu posso contar coisas de Minas Gerais, onde nasci, e do Rio, onde vivo hoje. Cada um de vocês também tem as suas próprias experiências e histórias. Essa cultura diversificada faz este país maravilhoso onde cabem todos. A idéia de se comunicar de todas as maneiras possíveis é a que conduz a minha obra. Eu queria agradecer pelo carinho de vocês, por estarem aqui, e vai ser uma alegria muito grande poder responder às perguntas de vocês.

- Onde você busca inspiração para escrever teus livros?

Silvana – Eu busco inspiração em pessoas iguais a vocês. Agora mesmo, olhando para vocês, eu vejo um monte de Sílvias, de Bias e de outros personagens que criei.

- Quando você era menor, quem a incentivou a ser escritora, ou você já tinha o sonho de ser uma escritora?

Silvana – Eu tinha um sonho de ser escritora, porque eu enxergava muito mal. Assim como a minha personagem Bia, eu tinha um problema de visão. Eu vivia no mundo da lua, imaginava coisas, ficava me contando histórias, porque não conseguia ler direito. E aí comecei a perceber que as pessoas gostavam das histórias que eu inventava. Meus amigos, meus primos, todos ficavam me pedindo para contar de novo



as histórias. Quando fiz uma operação no olho e voltei a enxergar direito, resolvi escrever essas histórias para as crianças. Então escrevi para o teatro, escrevi roteiros de filmes e também surgiram os livros.

- Por que você resolveu escrever o livro *A aventura da comunicação*?

Silvana – Eu resolvi escrever este livro porque, quando o meu filho era da sua idade, ele só via televisão e não queria ler. E aí eu comecei a proibi-lo de ver televisão, mas descobri que isso não adianta, porque televisão é uma coisa que todo mundo gosta de ver. Por isso, resolvi escrever um livro no qual as personagens nos fizessem entrar dentro da televisão para conhecê-la por dentro. Quando fui estudar sobre a televisão, descobri que tinha que falar sobre o rádio, porque ele vinha antes da televisão. Depois que estudei sobre o rádio, descobri que tinha que falar sobre os jornais, que vêm mais lá atrás, e também sobre os livros. Quando descobri que tinha que escrever sobre os livros, vi que tinha que saber como foi criada a escrita. Aí, tive que descobrir como é que as pessoas aprenderam a falar. Então, comecei por aí. Este livro valoriza exatamente a palavra falada.

- Eu gostaria que você comentasse um pouco sobre os meios de comunicação dos dias de hoje. A tevê e o rádio estão contribuindo para informar e formar as pessoas?

Silvana – Que perguntona, heim! Eu acho que esta é a grande questão do momento. Não podemos entender os meios de comunicação como aliados ou não. Depende da nossa capacidade de avaliar e julgar o que eles estão trazendo. Eu tenho uma preocupação muito grande em relação a uma questão que todos os professores devem perceber com seus alunos, relacionada à leitura. Os professores podem ler para os alunos, e os pais deles também podem fazer o mesmo, mas os alunos geralmente querem ver televisão e mexer no computador, o que é muito normal, porque a televisão e o computador são muito mais dinâmicos e interessantes. Eu costumo dizer que



estamos vivendo num momento em que os meios de comunicação nos afetam de uma maneira dramática, não tanto pelos seus conteúdos, mas pela sua forma.

Um pesquisador italiano, Giovanni Sartori, já disse que não vivemos mais a era do *homo sapiens*, que era o homem do saber, mas a era do *homo videns*, o homem da imagem audiovisual. E essa linguagem audiovisual apresenta características muito particulares. Se cada um de vocês for ler a mesma palavra, por exemplo, “casa”, vai imaginar uma casa diferente, não é verdade? Quando a televisão nos apresenta o conceito “casa”, mostra uma casa definida que tem certo jeito, certa maneira. Sabe o que acontece conosco em função disso? Nós vamos atrofiando uma habilidade que constituiu uma grande diferença na evolução da humanidade ao longo de milhões de anos, que é a capacidade de raciocinar abstratamente. Estamos perdendo a capacidade de ter idéias originais, de sonhar e produzir coisas a partir dos nossos sonhos. E isso acontece porque vem tudo pré-formatado pela mídia e nos tornamos reféns dela.

É exatamente porque eu tenho essa preocupação que hoje trabalho sistematicamente na idéia de fazer com que jovens e crianças façam televisão e rádio em sala de aula. Nos formamos professores em mídia para que eles, ao conhecerem por dentro os meios, sejam uma platéia muito mais crítica e que, portanto, exija que a mídia traga coisas de muito mais qualidade e respeite a sua audiência. Acho que, se pudermos ter oportunidade de desconstruir os meios para entendê-los por dentro e produzir, a partir desse conhecimento, fenômenos de comunicação audiovisual, todos nós estaremos construindo um Brasil muito mais consciente e cidadão, porque a cidadania parte disso, de você estar inserido com capacidade de atuar no meio onde você vive, e esse meio, hoje, é dominado pela mídia.





Começo pedindo desculpas, porque vou ler e não falar de improviso. Mas eu tenho uma boa explicação. Me convidaram para participar de um evento chamado Jornadinha. E eu, que sou muito ingênuo, acreditei que, com esse nome, devia ser uma coisa pequena. Achei que iria conversar numa sala de aula, com umas dez ou vinte pessoas. Só na semana passada liguei para cá para me informar direito sobre como era esse negócio, e me explicaram que na tal de Jornadinha eu iria falar para milhares de pessoas, em tendas lotadas de gente. Fiquei mudo uns dois dias de nervoso. Durante esses dois dias, só consegui me comunicar por mímica e por uns bilhetinhos. Quando vi esta tenda ontem, achei que, caso eu tivesse um branco completo, o sistema dos bilhetinhos não ia ser muito eficiente nem o pessoal sentado ao fundo ia enxergar meu gesto de mímica. Prefери, então, escrever tudo e ler palavra por palavra.

Bem, nesse mesmo dia traumático em que descobri a verdade sobre a Jornadinha, também me disseram que eu deveria preparar uma fala sobre o ofício de escritor e os motivos que levam alguém a escrever. Essa não é uma pergunta muito simples, pois cada um escreve por uma razão. Tem gente que escreve porque acha a vida boa; tem quem escreve porque acha a vida ruim; tem quem escreve porque quer consertar o mundo e quem escreve para bagunçar; tem quem escreve no muro porque quer derrubar o governo; outro escreve porque

está isolado numa ilha deserta e precisa pedir socorro através de um bilhete colocado dentro de uma garrafa.

Acho que comecei a escrever porque, em torno dos 14 anos, fiquei incomodado com a vida. Eu não sabia jogar futebol, não tocava nenhum instrumento musical, e a Mariana, a menina de quem eu gostava, namorava um cretino chamado Brunão. Se a vida fosse um filme de sessão da tarde, eu tomava alguma atitude radical e mudava tudo. Como a vida não é assim, fiquei no meu canto pensando como seriam as coisas se não fossem do jeito que eram. Quando fui ver, já fazia ficção. Uma pergunta que sempre guia meus textos é a seguinte: as coisas são assim, mas e se não fossem? Escrevendo, eu criei outros mundos e, juro, neles a vida fica mais fácil.

Escrevo para a revista *Capricho* e tento tratar certos assuntos que me preocupavam quando eu estava na escola e tinha a idade de vocês. Um deles é que aquilo que você representa para os seus colegas de escola não perdura para sempre, não é uma condenação para o resto da vida. Se você não é a pessoa mais popular, se está a fim da Mariana e ela namora o Brunão, ou vice-versa, se você acha todo o mundo da sua turma chato, tenha calma. Aos poucos, vamos encontrando as pessoas com quem queremos ficar junto, vamos descobrindo o que gostamos de fazer e vamos nos ajustando.

Acima de tudo, o que sempre tento mostrar nos meus textos é que a vida é uma coisa muito estranha e muito interessante. Olha só, antes não existia nada, depois teve uma grande explosão e surgiu o universo. Ao longo do tempo, apareceram uns micróbios, e os micróbios foram tendo filhos. Cada um saiu um pouco diferente do outro, e agora estamos todos aqui: as girafas, as baleias, o Faustão, a seleção romena de peteca, e eu e vocês em Passo Fundo, numa lona verde, discutindo literatura. Vocês não acham estranho tudo isso? Escrever sobre isso não faz com que eu seja jogador de futebol, nem toque guitarra numa banda de rock. Não fez com que a Mariana deixasse o Brunão para ficar comigo, mas tem as suas compensações. Poder estar aqui por quatro dias, com todos vocês, é uma delas, e não é pouca coisa.





Para variar um pouco, eu vou falar de improviso. Meu primeiro livro é um livro autobiográfico, que conta a minha história com o HIV. Eu me contaminei bem nova, tinha 16 anos, e quando escrevi esse livro queria fazer a sociedade pensar e falar sobre uma série de coisas que não se abordavam, que eram assuntos proibidos. *Depois daquela viagem* é sobre isso. Após ter publicado este livro, comecei a viajar, a visitar muitas escolas e fazer palestras. Durante muito tempo também tive uma coluna na revista *Atrévada*, onde recebia cartas e *e-mails* de adolescentes. Por isso, comecei a perceber que não era só sobre a aids que precisávamos conversar com os adolescentes, mas sobre uma série de coisas. Escrevi muitas crônicas e publiquei o livro *Papo de garota* e, depois, *Enquanto estamos crescendo*.

- Eu gostaria de saber em que momento da tua vida você decidiu ser escritor?

Prata – Eu não sei se isso é uma coisa que nós decidimos, assim, numa hora pontual, ou se é uma coisa que descobrimos. Por exemplo, acho que uma profissão é uma coisa que descobrimos mais do que decidimos. Aos 14 anos, escrevi o meu primeiro texto sem ser para a escola, sem ser uma coisa obrigatória. Eu morava numa rua que ia ser demolida para passar uma avenida por ali e escrevi um texto sobre a minha infância, a minha vida naquela casa. Então entreguei este

texto para a minha mãe e para minha irmã lerem enquanto eu ia tomar banho. Quando saí do banho, estavam as duas aos prantos. Eu achei muito interessante aquilo, de escrever um negócio e causar um efeito assim em alguém. Então, comecei a escrever a partir daí.

- Eu queria saber qual foi a obra que você demorou mais para escrever e qual foi a que te consagrou?

Prata – Consagrado eu fui agora, aqui em Passo Fundo, porque nunca tinha sido consagrado antes. Eu fico lá em casa, escrevendo, e não acontece nada. Só aqui, em Passo Fundo, acontece alguma coisa. Demorei mais ou menos o mesmo tempo para escrever os meus livros. Nunca estive mais inspirado para terminar um livro mais rápido, todos deram muito trabalho. Gosto mais do último porque faz menos tempo que escrevi, então tenho mais ligação com ele.

- Quando você escreveu o livro *Enquanto estamos crescendo*, você se inspirou no que você mesma viveu, ou com o que você viu acontecendo à sua volta?

Valéria – Foi um pouco de cada coisa. Há muitas coisas da minha adolescência das quais ainda me lembro. Eu acho que a gíria muda, as roupas mudam, a moda muda, mas a essência do que é ser adolescente continua sempre a mesma. Então, as dificuldades que eu tive, e que vocês têm hoje, meus pais já tiveram, meus avós também tiveram. Enfim, isso acaba fornecendo um material muito rico para escrevermos. Fora isso, eu tenho muitos primos adolescentes, que também me inspiram muitas idéias. E o contato que tenho com adolescentes, por causa do meu trabalho, também ajuda muito. Às vezes, uma frase que alguém fala ou uma situação pequena que vemos acabam se ampliando e conseguimos escrever uma crônica.

- Valéria, depois que você ficou com aids, você teve mais vontade de escrever do que antes?



Valéria – Sim, porque antes de ter aids eu escrevia apenas coisas para mim mesma, eram anotações que eu fazia num diário. Nunca tinha escrito alguma coisa, fora as redações do colégio, para mostrar para os outros, para fazer um estardalhaço, como eu queria fazer com o *Depois daquela viagem*. Então, este livro foi a primeira coisa que escrevi pensando muito na consequência que ia ter, no estímulo que poderia dar para fazer as pessoas pensarem sobre as questões relacionadas à doença.

- O que motivou você a escrever *O inferno atrás da pia*?

Prata – Olha, o livro reúne vários textos, mas o texto intitulado “O inferno atrás da pia” é totalmente verdadeiro. A pia estragou e resolvi consertar eu mesmo. Tive problemas para rosquear o sifão e, quando vi, o demônio apareceu no espelho e me ofereceu uma chave de boca para que eu pudesse tirar a porca. Quem leu o texto, sabe que vendi minha alma para o demônio para poder consertar a pia e, por isso, vou para o inferno assim que morrer, ao contrário de todos vocês, que são boas pessoas e, obviamente, têm vaga já garantida no céu.

- Em primeiro lugar, quero parabenizar a Valéria pela coragem, pela franqueza e sinceridade em expor um problema tão pessoal. Com certeza essa é uma contribuição muito grande. Se essa coragem de dizer a verdade toda fosse para Brasília, com certeza nosso povo estaria um pouco melhor. Mas a minha pergunta é a seguinte: você comentou no teu livro que é de classe média alta e tinha recursos para se tratar, e hoje, sabemos, tem uma vida normal. Mas, apesar de sua saúde estabilizada, de sua boa aparência, você ainda tem um custo alto de medicação?

Valéria – Os brasileiros com aids têm uma sorte imensa de morar no Brasil, porque é um dos únicos países do mundo que distribui o coquetel contra a doença gratuitamente – gratuitamente “vírgula”, porque somos nós mesmos que paga-



mos, pois só não pagamos imposto aqui para respirar. Para qualquer outra coisa, até para esta água que estou tomando, pagamos imposto. O Brasil faz a distribuição desse coquetel sem exigir vínculo empregatício. Há outros países em que só se recebe o medicamento se se estiver trabalhando e possuir um seguro de saúde. No Brasil, qualquer pessoa que estiver com aids e que tenha orientação do médico para tomar o remédio vai recebê-lo do governo. São remédios muito caros. Dependendo da combinação que se toma, acho que fica em torno de mil dólares, e seria muito difícil para qualquer pessoa arcar com essa despesa. Além dos remédios para combater o HIV, que eu recebo como qualquer outro brasileiro, acabo tendo que tomar outros, para evitar os efeitos colaterais dessa medicação. Hoje tenho um gasto pessoal com antidepressivos, com remédios para os rins, enfim, com coisas que, se eu estivesse me tratando no posto de saúde, também poderia estar tentando conseguir de graça do governo. Mas é óbvio que, pertencendo a uma classe social mais alta, não precisamos nos sujeitar a certas coisas e temos mais facilidade para realizar o tratamento. Acabamos tendo mais oportunidade, mesmo porque a informação é muito importante na questão dessa doença, e quem consegue, por exemplo, ler em inglês, como é o meu caso, acaba tendo acesso a informações que vêm de outros países sobre novas descobertas relacionadas ao tratamento da doença. A questão do nível social e também a cultura da pessoa influenciam muito no tratamento de qualquer doença e, especialmente, no combate da aids.





A minha primeira publicação saiu quando eu estava com 14 anos e, às vezes, as pessoas perguntam como comecei a escrever e a publicar tão cedo. Eu dou sempre a mesma explicação: é que fui um grande leitor quando criança. Eu lia muito desde pequeno, e minha vontade de ler era tanta que nem esperei entrar para a escola para aprender. Eu aprendi sozinho, perguntando para as pessoas mais velhas. Na minha casa havia livros por toda a parte, até no galinheiro – não sei se as galinhas liam, mas, de qualquer forma, lá estavam os livros. Meu pai lia muito, minha mãe, meus cinco irmãos, e isso teve uma influência decisiva nessa minha escolha pela literatura. E assim, depois de ler muitas histórias, resolvi escrever algumas e nunca mais parei. Foi um deslumbramento, uma coisa muito importante para mim. À medida que ia crescendo, comecei a ler outros tipos de livros, mas sempre li muito e continuo lendo até hoje.

Na minha casa não tem mais lugar para guardar livros. Fora os que eu compro, eu recebo, na minha condição de escritor, muitos livros. Eu queria dizer para vocês que o livro sempre fez parte da minha vida e gostaria que vocês lessem muito, porque hoje tem toda essa coisa da imagem, da inter-

net, da televisão, mas isso não substitui o livro. A pessoa pode gostar de ver televisão e, ao mesmo tempo, gostar dos livros. Uma coisa não exclui a outra. São duas coisas diferentes e a criança pode curtir ambas. Acho importante que vocês leiam muito para entenderem o que estão vendo, porque, se a pessoa só vê e não pensa, ela não vai entender nada e vai ser um trouxa na vida. Por isso é muito importante ler.





É a terceira vez que venho a Passo Fundo e sempre encontrei essa alegria, essa participação da juventude, e isso nos traz uma força enorme para continuar. Nós vemos que, através desses anos todos da Jornada, esse público tem se mantido, pelo esforço de toda essa equipe maravilhosa que trabalha na Jornada. Este evento certamente propaga a leitura e estimula o trabalho literário. Eu penso que a literatura é controversia, não tem respostas prontas. O mundo, a natureza e a sociedade humana nos espantam. Por isso nós escrevemos: porque nos sentimos insuficientes diante da grandiosidade do mundo. E nós, é claro, como escritores, queremos colocar o nosso pequeno tijolo nessa construção enorme e, às vezes, tirá-lo, quando essa construção já está ruim, porque cabe ao escritor tanto reconstruir o mundo quanto mostrar as ruínas, ou mostrar a loucura se apossando da sociedade. Na minha obra, sempre procurei estas duas coisas: mostrar o lado do espanto diante da natureza, e também os problemas terríveis que a humanidade enfrenta nos dias de hoje, como a violência e a perda de valores. Isso sempre me preocupou. Eu parto sempre do regional, da história do Rio Grande do Sul, da convivência que nós temos, aqui extremamente forte, com os países do Prata. Estes países nos trouxeram muitas influências e foram aliados e inimigos em muitas lutas e guerras, e isso

está entranhado em quase todo escritor gaúcho. Atualmente, as novas gerações já estão deixando essa questão um pouco de lado, mas até a minha geração era importantíssimo esse movimento de reconstituição ou desconstrução da história do Rio Grande, pelo autoconhecimento do que nós somos diante dos nossos países vizinhos. A minha poesia e, principalmente, os meus contos estão muito ligados a essa temática. Eu procuro sempre criar com alegria apesar de o tema, às vezes, ser duro e difícil de abordar. Penso que os escritores devem fazer seu trabalho com alegria e também tentar mostrar ao seu público que a vida, apesar de tudo, vale a pena. É essa a mensagem que eu gostaria de deixar para vocês.

- Como vocês definem ficção?

José Eduardo – Olha, é difícil dar uma definição global de todo o sentido da palavra “ficção” e das obras que são assim classificadas. Em primeiro lugar, existe a poesia e existe a ficção, ambas formas de arte, ambas poéticas. Um autor, seja ele poeta ou romancista, tem que procurar, quando quer tratar de um tema, aquela forma que seja a mais adequada. No caso da ficção, cuja função é contar histórias, ou descrever acontecimentos, ou compor grandes painéis de uma forma alegórica, isso se dá através da prosa, da linguagem prosaica.

Vilela – Vocês conhecem aquele provérbio “quem conta um conto aumenta um ponto”? Eu acho que a ficção é esse ponto aumentado. Nós contamos, às vezes, uma coisa, um fato acontecido, que vivemos, ou que ouvimos, mas acabamos acrescentando alguma coisa. E com quanto mais liberdade se acrescentam coisas, com quanto mais liberdade se deixa a imaginação voar, melhor vai ser o resultado que se pode alcançar. Temos de esquecer a realidade e entrar naquele mundo imaginário. Quando o artista cria, a realidade passa a ser um tipo de trampolim, do qual ele salta para a criação do seu mundo emocional. Eu não tenho propriamente uma definição para ficção, aliás, não tenho definição para nada. Escrevo ro-



mance, conto, novela e, se alguém me perguntar o que é um romance, o que é um conto, digo que não sei. Só sei fazê-los, mas não sei dizer o que são.

José Eduardo – Só para completar o papo: Picasso uma vez disse que a arte é uma mentira que permite nos aproximarmos da verdade. Acho que a ficção tem um pouco disso.

- Na opinião de vocês, como autores, quais são os principais problemas que nós, como jovens e adolescentes, temos que enfrentar na sociedade atual e que respostas podemos encontrar nas obras de vocês para esses problemas?

José Eduardo – Acho que o papel do autor é também trazer alguma coisa nesse sentido, mas não prioritariamente. Acredito que o autor tem uma responsabilidade muito grande, em primeiro lugar, consigo mesmo. Ele deve ser coerente e autêntico naquilo que está pretendendo levar para os leitores. É claro que ele sempre vai ter uma compreensão de mundo, uma visão de mundo, um certo entendimento das relações humanas, e isso vai transparecer no seu livro, mesmo que ele não queira. De alguma maneira, o texto revela a posição política e ideológica do autor. Acho que existem autores mais preocupados em levar mensagens. Não que se trate de escrever livros de auto-ajuda, mas estes autores colocam em primeiro plano a questão social. Por esse motivo, focalizam a violência, o mundo das drogas, ou coisas desse gênero. Essa é uma área à qual não me dedico. Tenho lido alguns autores que escrevem para adolescentes e tenho gostado muito, porque eles têm trazido, maduramente, reflexões sobre o mundo em que vivem os jovens de hoje. Eu acho que houve um crescimento muito grande na nossa literatura infanto-juvenil nesse sentido.

Vilela – Eu fico lembrando de mim mesmo quando era jovem. Claro que o mundo mudou muito, mas penso que certos problemas são de todas as gerações. Eu procurava resolver os meus pela minha própria conta, procurava encontrar soluções lendo livros, me aventurando pela vida, quebrando a



cabeça. Eu acho que é isso que vocês têm de fazer. Claro que, sempre que for necessário, peçam a orientação de alguém que já viveu aquilo que vocês estão passando. Contudo, chega uma hora em que é você por você mesmo. Então, você tem de assumir, tem de ir em frente, tem de quebrar a cara. Certas coisas ninguém vai poder fazer por você, porque se trata da vida que é só sua, assim como um dia sua morte também será só sua. Dizem que na vida há cavalos e cavaleiros; então, não seja cavalo, seja cavaleiro.





Tradutora: A autora dá bom dia, e pede desculpas por não falar português. Ela está muito feliz por estar aqui, e uma das tarefas que ela mesma se atribui é tentar fazer os jovens um pouco mais felizes. Ela atribui muito das coisas bem-sucedidas que aconteceram na sua vida aos livros que leu desde pequena. Ela sabe que agora os jovens dividem o tempo da leitura com a televisão, com o computador, e resta um tempo mais escasso para os livros. Imaginou que uma maneira de se aproximar desse público seria apresentar as histórias antigas, que ela conta nos seus livros de uma forma mais próxima da de um filme. Apesar de suas histórias virem de diferentes países, de diferentes povos, ela acredita no valor dessas histórias, por fazerem parte da nossa herança cultural, que todos nós temos o direito de conhecer. São histórias que tratam de elementos comuns a todos nós, como sabedoria, amizade, valores.

Há, por exemplo, a história do rei Gilgamesh, que foi a primeira a ser registrada pelo homem através da escrita. Como é uma história épica e bastante longa, Ludmila resolveu dividi-la em três livros, criando, então, a trilogia composta pelas obras *O rei Gilgamesh*, *A vingança de Ishtar* e *A úl-*

tima busca de Gilgamesh. A história de Gilgamesh passa-se onde hoje é o Iraque, porém há muito tempo. Também há uma outra história que a Ludmila criou para as filhas, partindo de uma pergunta que elas lhe lançaram depois que a família se mudou da Tchecoslováquia para o Canadá. As filhas perguntaram para ela por que uma folha era o símbolo do Canadá, e ela criou uma história, plena de calor humano, que fala da proteção que se busca quando se está sofrendo muito e da alegria de ser acolhido por alguém. Ludmila criou essa história como se fosse uma lenda canadense, do povo que as acolheu.

- Quantos livros você já escreveu até agora e qual era o seu autor favorito na infância?

Ludmila (tradução) – Escreveu sete livros. Também fez roteiros para vários filmes. Como os livros da trilogia de Gilgamesh se tornaram bastante populares e foram traduzidos para várias línguas, agora está trabalhando num novo roteiro para passar essa história para o cinema. Seu autor favorito na infância era Andersen, que foi muito marcante em sua vida, mas também gostava de outros autores de contos de fadas.

- Você acha que o mundo seria melhor se se vivesse conforme os valores afirmados pelos teus livros?

Ludmila (tradução) – Esta é uma pergunta muito boa. Se as pessoas conseguirem ler os livros e enxergar o que as gravuras querem realmente dizer e se tiverem a mesma percepção daquelas histórias antigas que ela teve quando as re-escreveu, ela acredita que, sem dúvida, o mundo seria bem melhor.





Eu quero dizer que é um prazer imenso poder estar aqui com vocês e podermos conversar. É muito bom ver tantos jovens aqui ouvindo um velhinho falar alguma coisa. E o que eu posso dizer para vocês como escritor? Dizem que o homem, para ser feliz, precisa ter um filho, plantar uma árvore e escrever um livro. Bom, eu só posso me considerar feliz. Tive quatro filhos – porque na minha época não tinha televisão, íamos mais cedo para a cama, aconteceu – plantar árvore nós plantamos e livros já escrevi uns 25. Alguns eu fiz sozinho; outros, com outras pessoas. Os últimos, *Oriente Médio e a questão palestina* e *África terra, sociedades e conflitos*, indicados aqui para a Jornadinha, escrevi junto com uma jornalista que mora atualmente em Nova Iorque. Vejam só, ela mora lá em Nova Iorque e eu em São Paulo, esta metrópole brasileira que, como vocês sabem, não tem poluição nenhuma, não tem trânsito nenhum, é uma cidade maravilhosa. Mas, de qualquer maneira, o que eu posso dizer para vocês? Talvez muitos de vocês queiram escrever. Então, meu conselho é que escrevam, não tenham vergonha, mas não pensem que escrever é muito fácil, que vem a idéia, “baixa o santo” e está tudo resolvido. Não é assim. No meu caso específico, 95% é transpiração e 5% inspiração. Portanto, escrevam. Quem tem dom, escreva; quem não tem, transpire e também escreva.



Acho que estamos aqui, realmente, num diálogo das diferenças, porque o Nelson tem 25 livros publicados e eu tenho só um, e se vocês viram o meu livro, é aquela coisinha pequena, de sessenta páginas, que em uma hora vocês podem ler. Mas acho que é justamente por isso que me chamaram para falar para vocês, porque, se não tenho muitos livros publicados, nem escrevo um texto mais direcionado aos jovens, porque não tenho uma capacidade particular para isso, em compensação tenho 23 anos e sou quase um de vocês. Então, o que tenho para dizer, no mesmo caminho do que o Nelson ia falando, é que não é tão difícil esta transição entre o momento em que se escreve em casa, para si mesmo, com vergonha de mostrar para os outros e o momento em que você começa a escrever para os outros e se começa a pensar que aquela história pode ser lida por pessoas que venham a se identificar com ela. Não que o meu livro tenha feito propriamente isso, porque é de uma editora pequena e não chegou a muitos leitores, mas pelo menos proporcionou que eu pudesse estar aqui conversando com vocês. Então, a minha dica é exatamente a mesma do Nelson: escrevam, não tenham vergonha de se expor. Aos poucos, vocês podem fazer textos menos pessoais,

menos confessionais, com personagens bem diferentes de vocês mesmos, que possam vir a atrair a atenção do público e tornar vocês próprios escritores reconhecidos.

- Nelson, o que incentivou você a começar a escrever?

Nelson – Um fator fundamental para você escrever é ler. Quem não lê dificilmente escreve, a não ser que tenha um dom secreto. Eu estava me lembrando agora que gostava muito de ler, às vezes até deixava de brincar com os amigos para ler. E outra coisa importante de que me lembro na minha formação é que tínhamos uma turminha na minha rua, lá em São Paulo – no tempo em que isso era permitido, porque não tinha tanta violência – e nós fazíamos um jornal da turma. Eu era o editor do jornal sem nunca ter sido jornalista, e isso me trouxe uma experiência muito importante. Mas uma coisa eu digo para quem gosta de escrever: leia muito, porque ajuda muito.

- Nelson, você disse que para escrever a pessoa precisa gostar de ler. Quando isso começou na tua vida? Houve influência dos pais? Os pais contavam histórias para você?

Nelson – Os meus pais, para você ter uma idéia, têm um orgulho imenso de eu ter me tornado escritor, porque eles não tinham o primário completo. Mas quando eu era pequeno, eles diziam para mim, como estrangeiros que foram: “Estude que você vai ter uma vida melhor do que nós temos”. Eu acreditei nisso, e acredito nisso até hoje, e tentei passar isso para os meus filhos. Meus pais tinham a experiência de vida, mas não tinham o conhecimento literário. Apesar disso, eles faziam um esforço sobre-humano para comprar livros, o que me entusiasmava. Até porque eu era uma das poucas pessoas da minha turminha de rua que às vezes deixava de brincar para ler. Não sei se foi por isso que me tornei um escritor, mas acho que ajudou bastante. Então, sem dúvida nenhuma, meus pais tiveram uma função primordial. Eles não chega-



ram a contar histórias para mim, mas eu contei muitas para os meus filhos.

- Qual é a maior dificuldade para um escritor jovem publicar um livro e ser convidado para participar de eventos como a Jornada e a Jornadinha?

Julián – Realmente, acho que você tocou num ponto difícil, que é o da publicação do primeiro livro do escritor novo. Mas isso não é uma coisa impossível, se você escreve bem e se consegue se comunicar através do seu texto. Há uma tendência forte, atualmente, entre os escritores jovens de escreverem muito para si mesmos e não pensarem no leitor, não pensarem naqueles que vão assimilar o texto e na identificação que o texto deve produzir, e isso limita o acesso à publicação. Mas, de qualquer forma, publicar o primeiro livro realmente é mais difícil. Você escreve o seu livro e manda para todas as editoras, que não te dão uma resposta se você não tem algum contato dentro delas e não tem alguma experiência prévia. É complicado, mas não impossível, como eu disse. Eu sempre recomendo a quem está começando a escrever que participe de concursos literários. De repente, se ganha um prêmio literário, que foi um pouco o meu caso, e a coisa começa a funcionar, as editoras começam a nos dar mais atenção.

Nelson – Se você me permitir, eu também dou um toque sobre esse assunto. Há várias etapas de dificuldade quando a gente vai escrever, e a primeira é você se definir a escrever. Tem pessoas que têm determinado dom e começam a escrever quase que espontaneamente. Eu tenho uma inveja terrível dessas pessoas, porque, para mim, custou muito vencer esta primeira fase. A segunda fase é aquela que envolve a maioria das pessoas que escrevem, as quais descobrem que a criação literária é 95% de transpiração e 5% de inspiração, ou seja, escrever é basicamente trabalho, trabalho e trabalho. A terceira fase é você conseguir uma boa editora para o teu livro.



Acho que qualquer escritor, qualquer autor, passa por essas dificuldades.

- Gostaria de saber quando você descobriu que gostaria mesmo de escrever e como você reagiu quando descobriu que poderia seguir esta profissão.

Julián – Bem, acho que não foi exatamente uma descoberta. Eu não acordei de repente e falei: “Nossa, eu nasci para ser escritor”. Não houve esse momento. Foi um processo longo, do qual, hoje, percebo alguns marcos. Por exemplo, na minha infância e adolescência, lembro-me de redações ou de narrações que escrevi no colégio e que a professora elogiou. Nessas horas, eu sentia algo especial diante do elogio. Era uma coisa que me dava uma satisfação maior do que ir bem numa prova de matemática, ou de qualquer outra matéria. De repente, alguns momentos específicos da minha vida vistos agora se mostram como indicadores de que o meu interesse maior ia ser a literatura. Hoje, não sou propriamente um escritor, porque tenho somente um livro publicado e não vivo disso. Aliás, acho que por muito tempo, provavelmente, não vou conseguir viver de literatura.





Maria Teresa
Maldonado

É muita alegria estar aqui no meio dessa vibração toda. Vou contar um pouquinho para vocês do meu caminho pessoal. Desde que eu era adolescente, tinha a idéia de ser psicóloga e também escritora. Sempre gostei de escrever – escrevia no jornal da escola, escrevia diário – e gostava muito de ler. Eu me formei em psicologia, e o meu primeiro livro publicado foi a minha tese de mestrado. Atualmente, estou com 26 livros publicados.

Nunca parei de escrever desde que comecei, porque isso me traz um prazer muito grande. A maioria dos meus livros trata do relacionamento familiar, do desenvolvimento pessoal, e depois eu fui centralizando o meu trabalho cada vez mais na questão da prevenção da violência e da construção da paz. *Os construtores da paz* foi o primeiro livro desta série, depois vieram outros. Passei, através do meu trabalho dentro da área social, a pesquisar projetos que dão certo em todo Brasil e em outros países, no sentido de reverter as condições da violência e construir uma cultura da paz. Depois, transformei esses projetos em histórias direcionadas para crianças a partir de dez anos e para adolescentes.

O conceito de paz com que se trabalha hoje engloba, fundamentalmente, a capacidade de cuidarmos bem de nós mesmos, da nossa construção como pessoas, do cuidado com os nossos relacionamentos dentro e fora da família. É essencial

cuidar bem do ambiente em que vivemos, seja o ambiente de nossa casa, de nossa comunidade, de nosso país ou de nosso planeta. Buscamos o desenvolvimento da consciência de que nós somos uma família de seis bilhões de pessoas morando numa única casa, que é o planeta Terra.

Essa percepção nos estimula a cuidarmos bem de nós mesmos e dos outros, para que todos possamos viver razoavelmente bem, o que não está acontecendo no momento na humanidade. Nós estamos consumindo os recursos do planeta de uma forma mais rápida do que a capacidade de reposição. A água, por exemplo, está se tornando um bem cada vez mais raro. Um terço da humanidade, ou da família humana, já não tem acesso à água potável, e, se não mudarmos a nossa maneira de cuidar da água, em 2025 vão ser dois terços da família humana sem acesso à água. Isso é inviável. Então, precisamos tomar medidas de conscientização sobre o uso desses recursos. Também precisamos estimular a consciência de trabalhar com os conflitos de modo que não gerem brigas crônicas, guerras, mas acordos. Há uma série de medidas que todos nós estamos precisando tomar, independentemente da nossa idade e do que façamos, como estudo ou como trabalho. Construir a paz no nosso dia-a-dia é uma tarefa coletiva e que afeta a todos.





Maria José Silveira

Espero que vocês estejam curtindo tanto como nós este evento maravilhoso. Supostamente, eu tenho que contar um pouco da minha vida aqui e dizer como é que comecei a escrever. Então, vou começar pela minha infância. Desde criança, eu sempre adorei ler e escrever e sempre fui fascinada por livros. Acho que é nessa época da vida que, geralmente, o escritor é fisgado pelos livros. Nesse momento da vida ele percebe que um dia vai querer escrever. E foi isso que aconteceu comigo. Eu lia todo o tipo de livros, porém na minha época de criança e jovem não tinha, como hoje vocês têm, essa quantidade de oferta de livros escritos especialmente para jovens. Nós tínhamos livros maravilhosos, sem dúvida, mas vocês hoje têm uma quantidade incrível de opções.

Apesar de ter sempre alimentado a idéia de escrever, eu comecei a adiar este meu projeto. E o principal motivo desse adiamento foi o fato de que aqui no Brasil dificilmente um autor vive das rendas dos seus livros, a não ser depois de um certo tempo de caminho. No começo, temos de ter duas profissões paralelas: a profissão que garante a sua renda e escrever

livros nas horas vagas. Contudo, isso é um problema. Quando temos um outro emprego, ao chegar em casa estamos cansado, não estamos com disposição, e para escrever um livro precisamos de muita disposição para passar um tempo sentado, dedicando-se unicamente àquilo. No meu caso, fui trabalhar para uma editora – aliás, sempre trabalhei em editoras – o que, por um lado, era ótimo, maravilhoso, edificante, que eu ficava muito feliz, mas, por outro, esse trabalho roubava quase todo o meu tempo.

Então, recentemente, resolvi mudar de profissão: não sou mais editora, sou escritora. Isso significa que todos os dias escrevo de quatro a seis horas. Porque essa coisa de escrever dá muito trabalho, coisa que as pessoas geralmente parecem esquecer. Escrever um livro demanda muito tempo. Construímos o livro como um pedreiro constrói uma casa, porém, colocamos palavras e o pedreiro, tijolos. Essa comparação é válida por mostrar que escrever é um trabalho que se tem de fazer de pouco em pouco, até o livro alcançar aquela “cara” que tem quando chega até vocês.

- Eu adorei o seu livro *Os construtores da paz*. O que levou a senhora a escrever este livro?

Maria Teresa – Eu fico muito feliz em saber que você gostou do livro, porque a grande alegria para mim, como escritora, é saber que os meus livros estão sendo úteis, que contribuíram para alguma coisa na vida das pessoas. Isso é uma alegria muito grande. O que me levou a escrever *Os construtores da paz* foi essa grande preocupação que sinto com a violência que se espalha pelo mundo inteiro. Eu participei de um congresso sobre a violência em Portugal em 1994, onde havia 19 países representados. Para todos os representantes desses países, entre os quais o Brasil, que eu estava representando, a preocupação era a mesma: o aumento da violência. E chegamos à conclusão nesse encontro que seria necessário investir muito esforço, muito trabalho, para construir já nas crianças pequenininhas, nas crianças maiores e nos adolescentes



uma mentalidade ativa de que todos devem ser construtores da paz. Então, resolvi escrever *Os construtores da paz*, voltado para os adolescentes, embora os adultos também leiam e gostem. Depois escrevi outros livros voltados para crianças menores, tentando mostrar quais são os fatores que resultam no aumento da violência, quais resultam numa diminuição da violência e o que todos nós podemos fazer para aumentar esse contingente dos construtores da paz.

- No livro *Os construtores da paz* a senhora relata vários tipos de violência. Eu gostaria de saber como foi feita esta pesquisa sobre a violência e se algum tipo de violência que relatou no livro aconteceu com a senhora?

Maria Teresa – Todos nós sofremos violência no decorrer da nossa vida, sendo alguns episódios mais leves, outros mais pesados. *Os construtores da paz* parte de um painel de pesquisas e estudos realizados em vários países com relação aos fatores geradores da violência. Os casos que são relatados, principalmente na parte voltada para a família, envolvem geralmente observações que eu mesma fiz, como psicóloga, no meu trabalho junto a diferentes projetos sociais. Eu trabalho numa ONG, por exemplo, que atende crianças de rua. Então, pude perceber nelas o nascimento do ódio que muitas vezes ocorre por terem sofrido muito abandono, muito desprezo, muita negligência. Isso gera nas crianças muita revolta, por isso elas passam a atacar as pessoas e a praticar condutas anti-sociais. Bem, eu, felizmente, tive uma família muito amorosa, mas é a tal história, eu já tenho mais de meio século de vida e, na época em que eu era pequena, às vezes, os pais educavam os filhos dando umas boas palmadas. Eu era uma garota muito levada, muito danada, dei muito trabalho e levava uns bons sopapos. Eu não gostava disso, não. A minha avó também, às vezes, me dizia palavras que me machucavam. Há palavras que doem mais do que um tapa que a gente leva. Então eu passei por momentos complicados na minha infância. E hoje me preocupo muito com a violência que exis-



te dentro das cidades grandes. Eu tenho dois filhos adultos e vivo no Rio de Janeiro, por isso nos preocupamos muito com essa história de assaltos e seqüestros. Já tive amigos que foram seqüestrados e desapareceram para sempre. Enfim, experimentei a violência na minha vida, sim, especialmente envolvendo pessoas que eram muito ligadas a mim.

- A senhora escreveu um livro sobre a paz, e eu queria saber qual é a sua opinião sobre o combate ao terrorismo nos Estados Unidos e na Inglaterra?

Maria Teresa – Uma das coisas mais importantes com relação à cultura da paz é que violência não pode ser reduzida com mais violência. Então, o que se questiona no combate que americanos e britânicos fazem ao terrorismo é determinado tipo de ação de opressão, de violência, que desrespeita os direitos humanos. Hoje em dia, há no mundo inteiro mais de 2 500 institutos dedicados à cultura da paz, mas determinadas ações dos Estados Unidos e da Inglaterra vão na contra-mão dessa tendência. A preocupação é que essas ações, ao invés de combater o terrorismo, acabem gerando ainda mais violência, ainda mais intolerância.

- O que leva uma pessoa a gostar de ler, na sua opinião?

Maria José – É complicado responder a isso, porque cada pessoa é diferente da outra, mas penso que o principal fator para se começar a gostar de ler é encontrar um bom livro, seja por sorte, por acaso, ou pela indicação do professor ou dos pais. Depois que a pessoa começa a ler e gosta, é como pipoca, você não pára mais. Mas aquele primeiro livro é realmente uma coisa mágica, ou quase mágica, que deve acontecer para se perceber que a partir do livro se pode viajar, viver outras vidas, aprender muitas coisas de uma maneira, ao mesmo tempo, emocionante e divertida.

- Qual tua posição em relação aos conflitos que existem no mundo de hoje, e o que você diria para os governantes e para as pessoas que estão sofrendo com esses conflitos?



Maria Teresa – Pois é, o tema desta Jornada é a diversidade, o convívio com as diferenças. Então, o que acontece, cada vez mais, é que nós vamos precisar descobrir as semelhanças dentro das diferenças para podermos harmonizar essas diferenças. Estamos vivendo, atualmente, numa época na qual temos acesso a tudo o que está acontecendo no mundo simultaneamente, em tempo real, e neste mundo, habitado pela nossa família humana, existem diferentes religiões, diferentes maneiras de pensar, diferentes etnias. Contudo, essas diferenças muitas vezes provocam a intolerância. As pessoas não aceitam o que é diferente e passam a combatê-lo, quando, na verdade, a cultura da paz é calcada justamente no convívio com as diferenças, na tolerância para com as diferenças, na tentativa de harmonizar as diferenças. Muitas vezes, as nações também guerreiam entre si pela posse de territórios, pelo domínio de mercados e outras coisas do gênero. No entanto, esses conflitos, ao invés de serem resolvidos por guerras, podem ser resolvidos por acordos. Para isso, é necessário que os adversários se escutem, conversem e cheguem a uma solução. Uma das grandes exigências da construção da paz é a de aprender a lidar com o conflito. O conflito não é necessariamente ruim. Ele pode ser um terreno fértil para gerar as boas soluções, desde que possamos ter respeito pelo outro, escutar o ponto de vista do outro, ver o outro, diferente de nós, como uma pessoa que tem direitos iguais. O objetivo de todo mundo, mesmo daqueles que estão em guerra, é poder viver em paz.





Homenagem ao centenário do escritor Erico Verissimo

Tania Rösing – Minha gente, vocês sabem que, neste ano, a Jornadinha e a Jornada estão homenageando três gênios da literatura universal: Cervantes, pela publicação da obra *Dom Quixote*, há quatrocentos anos; Hans Christian Andersen, pelos duzentos anos de seu nascimento, e Erico Verissimo, pelos cem anos de seu nascimento. Nós, gaúchos, estamos muito alegres de poder comemorar este centenário de nascimento do grande escritor Erico Verissimo. E é muita alegria para nós também podermos ter aqui seu filho, Luis Fernando, que desde 1983 vem às Jornadas, apóia nosso movimento e é um dos escritores mais queridos não só do Rio Grande do Sul, mas do Brasil inteiro. Temos também, junto conosco, a Lúcia, que o Luis Fernando foi buscar no Rio de Janeiro, que é a sua esposa, além de ser mais gaúcha do que ele. Eu vou contar um segredo para vocês: o Luis Fernando só sabe escrever, porque

quem faz churrasco lá na casa deles é a Lúcia, que é carioca e mulher. Nós temos aqui também as duas filhas do casal: a Mariana, que é escritora e roteirista de televisão, e a Fernanda, que mora na França e aproveitou o seu período de férias para vir ao Brasil e aceitou o convite para estar aqui conosco. Só está faltando o Pedro. Nós pedimos ao Paulo Caruso, que é um dos maiores caricaturistas brasileiros, além de ser uma pessoa muito querida nossa e muito conhecida de vocês, para criar um brinde da Jornada para distribuir aos autores convidados. Pedimos ao Caruso que fizesse a caricatura das pessoas mais importantes que passaram pela Jornada ao longo desses 24 anos de sua existência. Ele fez a caricatura e nós a colocamos em canecas e camisetas, essas que vocês estão recebendo agora. Nessa caricatura está Erico Verissimo, que não pôde participar das Jornadas, porque não estava mais entre nós, mas esteve sempre presente através de sua obra. A presença do Erico Verissimo neste desenho é a homenagem que nós fazemos à família Verissimo, que tem dado uma contribuição muito grande para a literatura brasileira, já agora com a terceira geração. Nós queremos agradecer muito a presença de vocês e dizer que temos um carinho muito especial por vocês e por esse homem fantástico que foi Erico Verissimo. Muito obrigada.

Luis Fernando – Como a Tania falou, nós estamos aqui com nossas duas filhas, só falta o Pedro, que não pôde vir. Também estão faltando a minha irmã, Clarissa, o marido dela e os três filhos. São os que moram nos Estados Unidos, os americanos da família. Então, em nome de todos eles, dos que estão aqui no palco e dos que não estão, infelizmente, eu quero agradecer essa homenagem tão bonita. Como vocês devem saber, o centenário do pai está sendo comemorado em vários lugares, não só aqui no estado, mas também no país todo e fora do país. Na feira do livro de Buenos Aires, o pai foi homenageado. Em Montevideu, também. No Salão do Livro, em Paris, houve uma homenagem para ele. Agora há pouco,

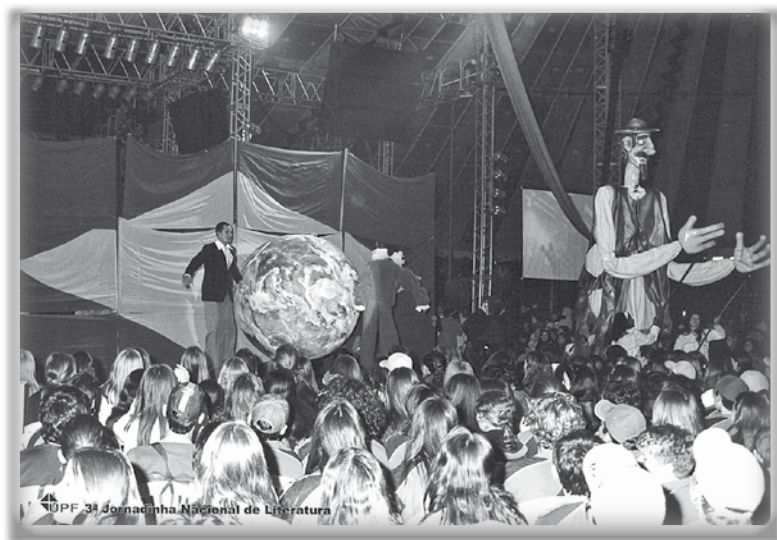


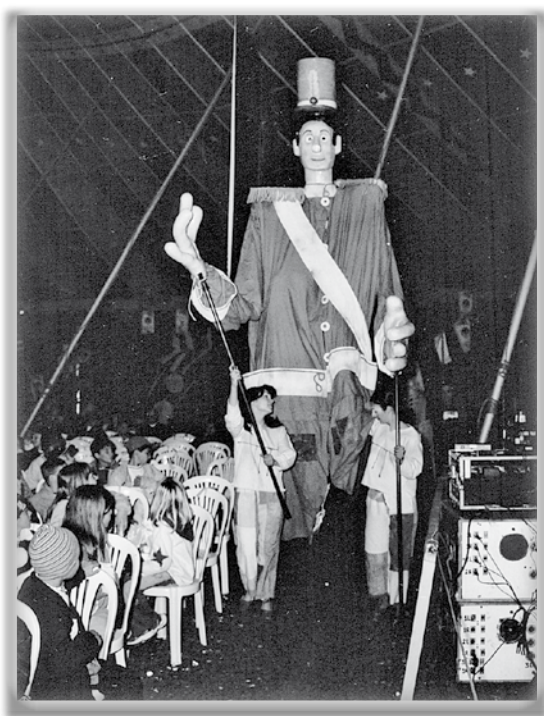
em Brasília, o Senado fez uma sessão solene em homenagem ao meu pai. Todas essas homenagens, naturalmente, têm um significado especial. São todas emocionantes, mas talvez a mais significativa e emocionante de todas seja esta, nesta que é a maior festa do livro do país e uma das maiores do mundo. Eu acho que não há nada melhor para homenagear um escritor do que uma festa literária, uma festa do livro. Então, por tudo isso, eu agradeço, em nome da família, à Tania, a Passo Fundo, a vocês todos.



Registro
iconográfico

Show de abertura da 3ª Jornadinha





Sessão de autógrafos



Elias José



Ana Maria Machado





Mariana Verissimo



Paulo Becker



Roger Mello



Conversa com crianças na lonas



Carlos Urbim e Regina Machado



Ricardo da Cunha Lima



Walcyrr Carrasco e Reginaldo Prandi



Luiz Puntel





Antonio Prata e Valéria Polizzi



Ludmila Zeman, Daniel Munduruku e Silvana Gontijo



Gabriel Costa, Ana Maria Machado e Mariana Verissimo



Entrega do troféu Vasco Prado à escritora
Ana Maria Machado





Crianças chegando ao Circo da Cultura



Crianças no Circo da Cultura no intervalo do almoço



Crianças lendo no intervalo do almoço



Crianças visitando a Feira do Livro





Crianças lendo no Circo da Cultura



Atividades no intervalo do almoço

Conversas paralelas



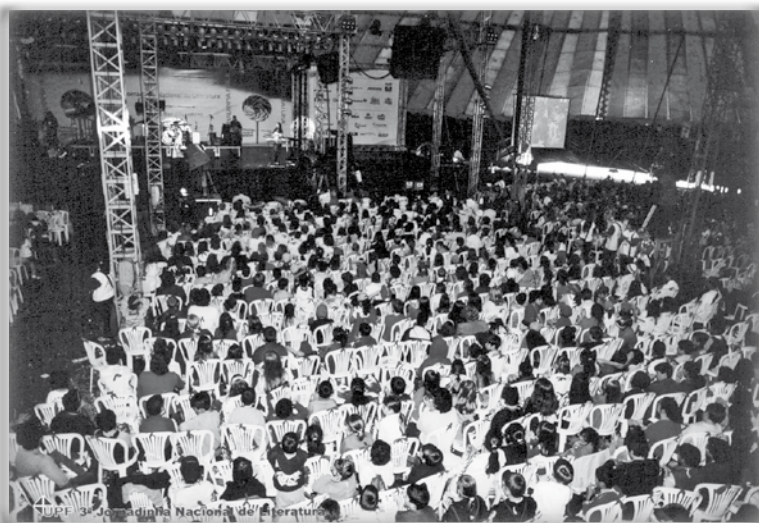
Ricardo Azevedo – Shopping Bourbon



Elias José e Carlos Urbim – Auditório da Feac



Público participante e perguntas aos escritores



Crianças e professores na lona principal



Alunos da Apae na lona principal

Adolescente
fazendo
pergunta aos
escritores na
lona



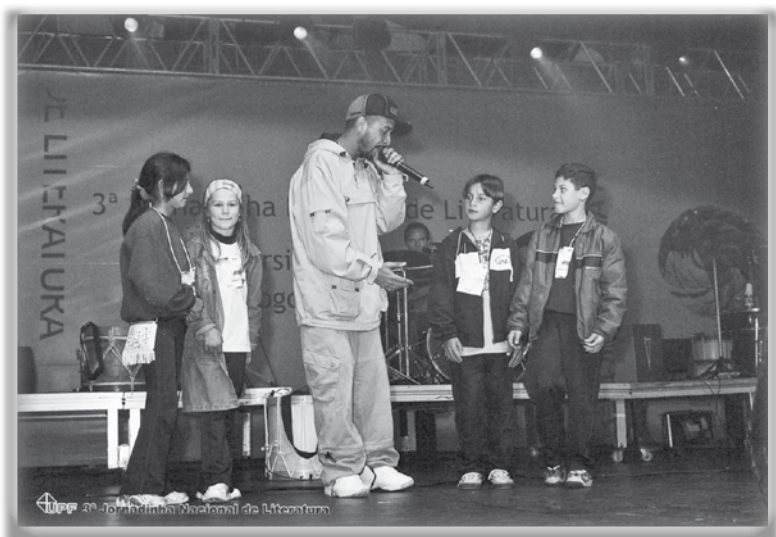
Crianças
fazendo
perguntas aos
escritores na
lona



Shows e espetáculos



Crianças na lona assistindo à contação de histórias com "Os tapetes contadores de história" (Rio de Janeiro)



Show de hip-hop com Max B.O. na lona principal



Contação de histórias com Joaquim de Paula





Show instrumental "Sobre todas as cordas"



Espetáculo teatral *Timbre de galo* – Grupo Viramundos



Show musical "Pé com pé" – Paulo Tatit e Sandra Peres



Contação de histórias com Joaquim de Paula na lona



Crianças nas livrarias no Circo da Cultura





Gato Gali-Leu e crianças na livraria



Pré-Jornadinha nas escolas



Pré-Jornadinha na escola Eenav. Obra *Ifá, o adivinho*, de Reginaldo Prandi

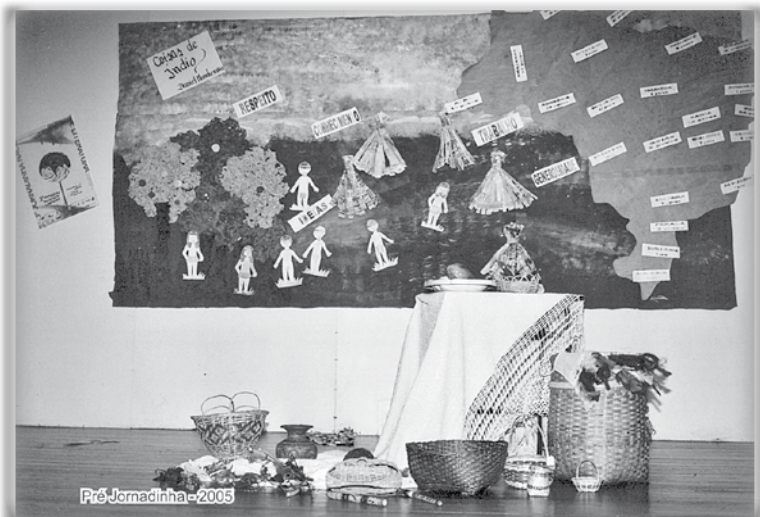


Pré-Jornadinha na escola St. Patrick. Obra *Goma arábica*, de Carlos Urbim





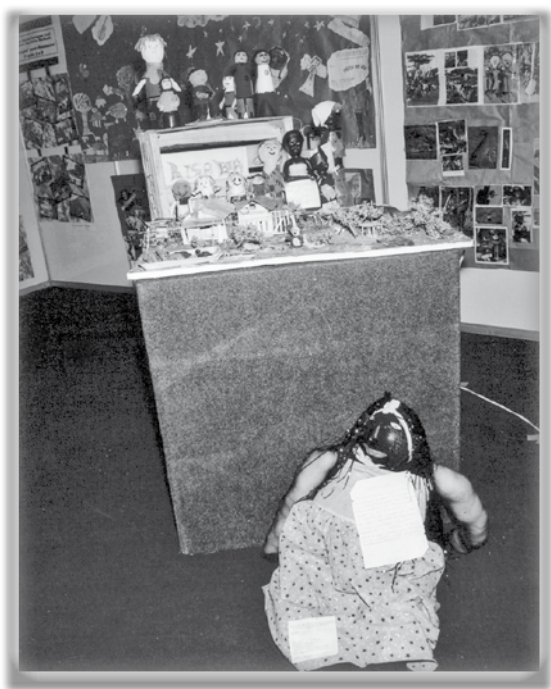
Pré-Jornadinha na escola E.M.E.F. São Luiz Gonzaga. Obra *Essa casa é minha*, de Ana Maria Machado



Pré-Jornadinha na escola Menino Jesus. Obra *Coisas de Índio*, de Daniel Munduruku



Exposição de trabalhos da Pré-Jornadinha no Circo da Cultura



Equipe de apoio – jornadas 2005



**Registro
da imprensa**

Escola Menino Deus no universo da leitura



Estudantes do IMD aproveitam para ampliar leituras



Atividade é preparatória a Jornada Nacional de Literatura

Acompanhando o lançamento da 11ª Jornada e da 3ª Jornada Nacional de Literatura, a Escola Redentorista Instituto Menino Deus revigora os trabalhos de incentivo à leitura. Dentre as atividades desenvolvidas, semana passada, foram realizadas visitas da 2ª e 3ª séries do ensino fundamental ao Mundo da Leitura. Lá as crianças tiveram a oportunidade de conhecer alguns livros e seus autores que virão para a Jornada, além de praticar outros tipos de leituras multimídiais: assistindo a um filme, escrevendo e-mail e ouvindo música.

Depois da visita, a Escola recebeu o caderno de atividades de preparação dos alunos para a Jornada. A pré-jornada e a pré-jornada vão acontecer nos me-

ses que antecedem a Jornada, e os estudantes do IMD vão participar, lendo e discutindo as obras indicadas, para terem uma participação efetiva neste evento tão importante. Quem quiser ver as fotos da visita ao Mundo da Leitura pode acessar o site da Escola: www.meninodeus.com.br

A prática da leitura é uma das prioridades na proposta pedagógica da Escola, que já desenvolve o Projeto Contadores de Histórias, regularmente, onde os alunos de 5ª à 8ª série preparam as histórias e apresentam para as crianças da educação infantil e ensino fundamental séries iniciais. Também são envolvidas crianças carentes, que recebem a visitada dos contadores, assim inserindo-os nos precílios cristãos da solidariedade. Além desse projeto, durante o ano são desenvolvidos diversos momentos de interação entre os livros e estudantes dos diversos níveis.

Neste mês, a biblioteca, juntamente com os Contadores de Histórias e do Grêmio Estudantil, vai desenvolver uma tarde especial de leitura no dia 18, comemorando o Dia Nacional do Livro Infantil, quando as crianças vão participar

de contações de histórias, teatro de sombras, leitura de seu livro preferido e brincadeiras com palhacinhas. Para completar toda essa movimentação, o programa de rádio IMD EM FOCO, que a Escola produz na Rádio Diário AM, tratou desse assunto neste sábado, dia 09, com os alunos da 7ª série. No programa, os educandos fizeram entrevistas sobre a importância da leitura, trabalhando a habilidade de pesquisa e análise das mesmas, coletando depoimentos interessantes como o da professora Luciane Dadia que leciona geografia na Escola: "A leitura é elemento indispensável na formação do indivíduo, pois através dela, de sua viagem encantadora, é que desenvolvemos a capacidade de interpretação da escrita e mais do que isto, a da criatividade e da busca de superação como pessoas."

O IMD EM FOCO é veiculado todos os sábados, às 9:45 da manhã, quando os estudantes discutem assuntos da atualidade e desenvolvem habilidades de comunicação e expressão, como neste sábado, dia 16, em que vai ser discutido sobre o Dia do Índio, com as alunas da 8ª série.



Inscrições para Jornada e Jornadinha encerram em tempo recorde

Em menos de 40 minutos, as 4.500 vagas para a 11ª Jornada Nacional de Literatura foram esgotadas. Para a 3ª Jornadinha Nacional de Literatura, as 12 mil vagas terminaram em 30 minutos. Um tempo recorde de inscrições nos 24 anos da maior movimentação cultural do país, já que a média de duração das vagas da última edição foi de três horas. Os números evidenciam, segundo a comissão organizadora, que as jornadas literárias estão cumprindo seu objetivo de formar leitores em múltiplas linguagens. A cada edição bial, a população em geral demonstra maior interesse em participar do debate literário.

Promovida pela Universidade de Passo Fundo e Prefeitura de Passo Fundo, a jornada de Literatura aborda neste ano o tema Diversidade cultural: o diálogo das diferenças. O evento, que acontece de 22 a 26 de agosto, no Circo da Cultura, instalado na UPF, vai homenagear os 400 anos de Dom Quixote, os 200



Inscrições para a 3ª Jornadinha terminaram em 30 minutos

anos de Hans Christian Andersen e os 100 anos de Érico Veríssimo. A programação paralela abrange também o Encontro Nacional da Academia Brasileira de Letras, o 4º Seminário Internacional de Pesquisa em Literatura e Patrimônio, o Seminário Nacional de Jornalismo Cultural e a 3ª Jornadinha Nacional de Literatura.

Jornadinha

As inscrições para a terceira edição da Jornadinha Nacional de Literatura, realizadas na manhã de ontem, somente serão efetivadas a partir do pagamen-

to do boleto bancário. O sistema, desenvolvido pela UPF, somente considera validado o processo após o pagamento da taxa de inscrição junto ao Banco do Brasil, Banrisul, Central de Atendimento ao Aluno da UPF ou nos campi da instituição. Todos os inscritos que não efetivarem o pagamento do boleto bancário emitido no ato da inscrição, em 24 horas, perderão suas vagas, que serão, posteriormente, disponibilizadas para novos interessados. Das 4.500 vagas disponibilizadas para a jornada, no dia 1º de junho, todas foram efetivadas.

A partir de quinta-feira (9), vagas que surgirem das inscrições da jornadinha não efetivadas, estarão disponíveis. Os interessados poderão se inscrever via internet, pelo site www.jornadadeliteratura.upf.br. Mais informações podem ser obtidas através dos telefones (54) 316 8368 e 316 8371, do e-mail jornada@upf.br e no site www.jornadadeliteratura.upf.br.

ALUNOS DA 7ª SÉRIE DA ESCOLA SARANDI DESENVOLVEM PROJETO PARA JORNADINHA DE LITERATURA

Os alunos da 7ª série da Escola Sarandi, Alessandra, Gabriela, Matheus, Malara e Rafael, desenvolveram na disciplina de Português, com a professora Maria Elisa Gasparotto, trabalhos sobre a obra da escritora Ana Maria Ma-

chado, como preparação para a Jornada de Literatura, que acontece em Passo Fundo.

Confira os livros que foram trabalhados e os seus resumos:

Bisa Bia, Bisa Bel

A menina Bel encontra um dia uma foto de sua bisavó Bel, entre as coisas de sua mãe. A partir daí, ela inicia uma relação de muitas descobertas com essa pessoa tão importante na vida de sua família e na da própria. Uma relação de amizade e troca, capaz de emocionar a todos.

Bem do Seu Tamanho

Helena sempre quis saber qual era seu tamanho. Na hora de ajudar no trabalho ela já era bem grande. Na hora de tomar banho no rio e nadar no fundo ela ainda era muito pequena. Afinal qual o tamanho de Helena? O leitor vai com ela numa viagem em busca de si mesma.

Isso Ninguém Me Tira

A menina Gabi se apaixonou por Bruno, que também ama Gabi. Até aí tudo certo, mas Bruno é a paixão platônica de Dora, prima de Gabi. A família de Gabi e Dora se mobiliza para impedir o romance de Bruno e Gabi, que tenta defender com unhas e dentes o direito de ser feliz.

Amigos Secretos

Um dos membros do "Clube da Árvore" coloca um livro de Monteiro Lobato dentro do videocassete e, com isso, abre uma passagem que os liga à imaginação. A turma vive inúmeras peripécias com personagens da literatura.





Diversão:
turmas de 1ª
a 4ª série do
Colégio
Conceição
deram show

LITERATURA Evento apresenta obras de autores homenageados neste ano

Pré-Jornadinha aquece Passo Fundo

LÚCIA JARDIM

♦ Casa Zero Hora/Passo Fundo

Os anos passam, e novos autores infanto-juvenis consagram-se, mas na tarde de ontem em Passo Fundo Erico Verissimo, Hans Christian Andersen e Miguel de Cervantes comprovaram que jamais perderão seus lugares no imaginário infantil.

No clima da 3ª Jornadinha Nacional de Literatura que se aproxima, os alunos de 1ª a 4ª série

do Colégio Marista Conceição realizaram uma apresentação musical envolvendo os personagens Capitão Rodrigo, soldadinho de chumbo e Dom Quixote, entre outras criações.

As crianças pegaram como base obras estudadas em sala de aula para compor canções e poemas, recitados em grupos para uma plateia com não mais de 11 anos de idade. Os alunos da 4ª série embalararam-se em melodias conhecidas como *Cai, cai, balão* e *Ciranda cirandinha* para passar lições de vida como pensar antes de agir e não roubar.

Além de Verissimo, Andersen e Cervantes – os homenageados da 11ª Jornada Nacional de Literatura –, autores infantis como Elias José e Ana Maria Machado estavam entre os escolhidos pela criançada.

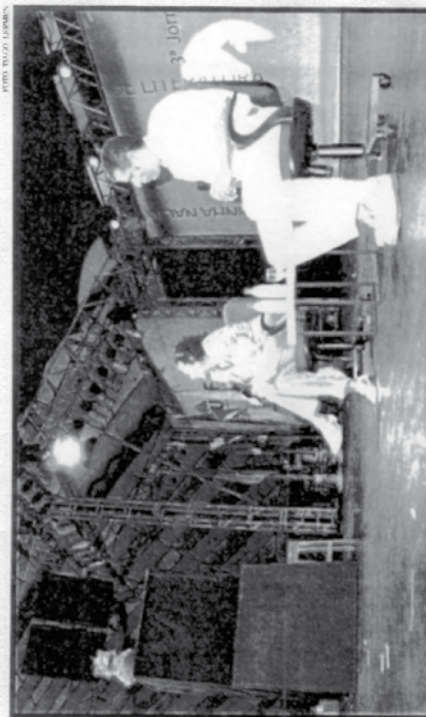
As apresentações se repetirão amanhã, em homenagem ao Dia dos Pais. A Pré-Jornadinha integra os eventos preliminares à 11ª Jornada Nacional de Literatura, a ser realizada entre os dias 22 e 26 na Universidade de Passo Fundo (UPF).

lucia.jardim@zerohora.com.br

Jornadinha encanta os “pequenos leitores”

A aluna da 4ª série da escola Notre Dame, Amanda Fernandes, 9 anos, acompanha as atividades da Jornadinha de Paula e pela escritora Ana Maria Machado. “Li várias obras e a Ana Maria e estou ansiosa para conhecer Elias José”, conta. Ela é uma das 12 mil crianças participantes da 3ª Jornadinha Nacional de Literatura, iniciada na manhã de ontem. A apresentação de obras resgatou as diferentes manifestações culturais de cada região do país, com uma performance de aproximadamente 150 artistas e dançarinos, entre eles os integrantes do Grupo Viramundos.

Depois da chuva de papel pichado no circo enquanto quatro crianças cantavam a música oficial da Jornadinha, foi o momento dos personagens do programa Mundo da Leitura Mil Faces, Paula e o gato Gailieu assumiram a meditação primeiro, a leitura e a literatura voltada para crianças e adolescentes. O reitor da Universidade de Passo Fundo



A escritora Ana Maria Machado e o cineasta Gabriel Costa, conversaram sobre a obra Raul da ferrugem azul que foi transformada em filme

(UPF), professor Rui Getúlio Soares, ressaltou que o brilho da Jornadinha será ainda maior com a participação intensa dos professores e alunos. “O Brasil precisa de mais leitores. Os livros nos auxiliam no aprendizado e na formação de cidadãos conscientes”, destacou.

Aplaudida pelos “pequenos leitores”, a coordenadora das Jornadas Literárias, a professora Tania Rösing, juntamente com o gato Gailieu, lembrou as crianças do grito de guerra, idealizado na edição de 2003: “Um, dois, três, quatro, cinco, mil, quem os mais leitores no Brasil”, aclamaram

as crianças.

Ana Maria Machado

Abriendo a programação dos debates da 3ª Jornadinha, a escritora carioca Ana Maria conversou com os leitores. “Esta é a 3ª vez que venho à Jornada. É um universo literário único no Brasil”, relatou emo-

de oito anos com o seu trabalho na ponta da língua”, admirou-se a escritora contou sobre a sua obra “Raul da FerrugemAzul”, que virou um curta metragem dirigido pelo cineasta e admirador do livro de Costa. “Me identifico muito com o livro e sempre sonhei em transformar o clássico infantil em filme”, explicou Costa. Leitor, assíduo das obras de Ana Maria. O estudante da 3ª série de uma escola de Sarandi, Natan dos Reis não resistiu à presença da escritora e subiu no palco para conhecer a autora. “Precisava dar um abraço nela. As histórias da Ana inspiram a minha imaginação. Tenho várias ilustrações baseadas nas obras”, contou Natan emocionado, mostrando o livro com o autor. As atividades que serão realizadas durante a tarde de ontem nas três Jornadas destinadas a crianças e adolescentes foram suspensas devido ao mau tempo, provocado por ventos fortes e ameaças de temporal. Ainda as atividades aconteceram normalmente.

FOTO: TRIZO LUDWIG



TRÊS MIL crianças participaram da abertura da jornada literária infantil, que está na terceira edição

Jornadinha concorrida

Enquanto os adultos se dividiam entre clássicos literários e discussões sobre a qualidade do jornalismo cultural, na manhã de ontem, durante a 11ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, 3 mil crianças gritavam, em coro e com fundo musical, que o Brasil precisa de mais leitores, e ainda dançavam, cantavam, faziam compras e elaboravam perguntas de gente grande à escritora Ana Maria Machado. A *Jornadinha*, que há três edições faz parte do evento literário, é um laboratório de leitura para as crianças, que se entregam facilmente a um silencioso mergulho nas aventuras impressas e descobrem o livro como fonte de fantasia e inclusão social. A programação inclui conversas com os autores, teatro de

fantoches, shows musicais como os do grupo Pé com Pé, de Paulo Tatit, e tardes de autógrafa. Pelos corredores, a correria é pelas pechinchas literárias das livrarias: depois de avaliar os desenhos e as narrativas, as crianças se decidem entre livros que custam a partir de R\$ 3.

Muitos dos pequenos leitores mal acabaram de descobrir os fonemas e já adotaram a rotina de ler pelo menos um livro por semana – tudo para se preparar para “a entrevista” com os autores. Evandro Henrique da Silva, 6 anos, adorou as histórias do gato Gali-Leu, um fantoche falante, mas estava ansioso mesmo pela conversa com Ana Maria Machado.

– É minha primeira *Jornadinha* e trouxe *Dedo Mindinho* para que ela autografe – contou.

Desde o início do ano, alunos de 1ª a 4ª série das escolas de Passo Fundo participam de um projeto de leitura e compreensão textual, em que lêem e discutem duas histórias por semana. A animação é ainda maior nas escolas municipais, onde as crianças saem da realidade de pouco conforto através das histórias e não medem esforços para chegar até a lona de circo montada na Universidade de Passo Fundo.

– Há crianças cujos pais são catadores de papelão e muitas não conhecem nem o Centro da cidade. Então, vir para assistir às apresentações é mais do que um incentivo à leitura; é um projeto de inclusão social pela literatura – explica a professora Shaiane Canton.

Longa Jornadinha manhã adentro

CARLOS ANDRÉ MOREIRA e LARISSA ROSS

11ª
JORNADA DE LITERATURA
Técnicas, muitas e causas pesadas incorporaram-se ontem às mochilas coloridas que identificam os populares participantes da 3ª Jornadinha Nacional de Literatura. Sob um frio que desce a 6°C, além do forte vento, foi preciso muita criatividade dos apresentadores, escritores e artistas para entreter e esquentar as mais de 3 mil crianças de 17 escolas que compareceram à temida principal a partir das 9h.

A escritora Ana Maria Machado não faltou trabalho. A longa fila que se formou em frente ao palco durante a palestra tinha dividida de todo tipo: com quantos anos ela começou a escrever e o que a inspirou para criar o personagem de Era uma vez um tempo, como é mesmo a receita do doce do livro Dedo mindinho. A fila teve de ser disposta, ou Ana Maria iria tarde adentro empilhando o microfone.

Escrever para mim é que nem brincar para você. Você ainda pretende brincar na vida? — perguntou a curiosa a um estudante interessado em saber se a autora de *Menina bonita do laço de fita* ainda pretendia lançar mais algum título.

Mãos ao alto

Palmas e muito barulho quando os apresentadores da Jornadinha citaram os nomes das cidades representadas no Circo da Cultura: Quaporé, Espumoso, Ibirama, Marajó, Lagoa Vermelha, Marcelino Ramos, Palmera das Músicas e Parati, apenas algumas de uma lista ainda maior. Os anfiteatros paulistas, é claro, cumpriram o coro mais alto na hora do grito.

Merenda

Martina Dias da Silveira, sete anos, era da turma que veio com a mochila preparada para o lanche. Aluna da Escola Senador Proaqui, de Passo Fundo, a garota acompanhou a palestra de Ana Maria Machado — de quem leu e adora *O Jogo do Bolo* — com sua sacolinha da jornada mirrada de refrigerante, um pacote de bolacha recheada e uma cuca feita pela mãe. — Mas não cheguei a comer tudo — diz a menina.

Bolsa de estimação

A Jornadinha traz a Passo Fundo uma turminha que acorda cedo, pega ônibus ainda com o sol nascendo e viaja horas para conhecer o circo das letras. A garota Katiana Caser, oito anos, aluna da Escola Estadual Handemite, em Quaporé, foi uma delas. Quer ver os bonecos gigantes que o grupo Viramundo usa para animar a Jornadinha. Por falar em bonecos, quem acompanha a garota na viagem foi o bicho Aulá, mistura de bolsa e animal de estimação que a garota trouxe para a cidade a tiracolo.



Um dia desses... eu consigo um autógrafo

Os best-sellers entre a garotada autografaram ontem, simultaneamente, na área da Exposição da Jornadinha. Carlos Urban, Ana Maria Machado e Elias José foram os motivos do congestionamento dos corredores. Urban era o que mais se demonstrava dedicado: um recadinho para o filé e o desenho de uma pinguim em cada livro, pedágio de papel ou credencial que fossem apresentados na sua mesa. Como a espera chegou a ser de uma hora, o jeito foi sentar no chão mesmo.



Ninguém tira o boné

Nove professoras da escola Menino Jesus Notre Dame, de Passo Fundo, tiraram ontem a tarefa de manter o calor em 148 alunos de 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental. Precavida, a instituição, antes do início da Jornada, providenciou a confecção de bonés brancos para todos, facilitando a localização da turma dentro do campus da Universidade de Passo Fundo. Ninguém pode tirar o boné — explicou a coordenadora pedagógica Maria Patrícia Avila, 30 anos.



O gato sem botas

Entre um show e outro, entre um escritor e outro, cabe ao ator Giancarlo Rotta de Camargo, 26 anos, entreter a garotada encarnando o personagem Mil Faces, que interpreta no programa *Mundo da Leitura*, da UPTV. Mil Faces lá a casa na base de música, palhaçada, muito improviso e diálogos amaldiçoados com o macionete Galileu, o gato de pelúcia cujas vozes e reações são feitas por Rafael Silva, 30 anos. O gato de voz tonitruante é, ele próprio, uma diversão para a garotada, que interage com o bichano, responde churudas, levanta as mãos a um comando do gato danado.



Alunos se prepararam para a 3ª Jornada

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Zeferino Demétrio Costi realizou várias atividades preparatórias de seus alunos para a Jornada Nacional de Literatura. Os alunos da 7ª série leram o livro "O grito do hip hop", de Fátima Chaguri e Luiz Puntel, escritor com presença confirmada em Passo Fundo. Depois foi realizada uma oficina com membros da Nação Hip Hop Brasil, que, na oportunidade, explicaram as crianças os elementos do gênero, como DJ, mc, bboy e grafite. O resul-

A história possibilita refletir sobre procedimentos e atitudes que podem transformar fragilidade e exclusão em força e inclusão social. O enredo tem o menino Toninho como protagonista, jovem pobre da periferia de São Paulo, que convive diariamente com o desemprego e a criminalidade, mas nem por isso deixa de se divertir, saindo com seus amigos, pichando muros e paredes. A alegria do vandalismo perde a graça à medida que Toninho entra em contato com ativistas do hip-hop, vendo a possibilidade de transformar sua vida. Para a coordenadora da escola, professora Marta Henkes, a leitura permitiu a interação com o mundo da periferia, que é discriminado e não é conhecido como cultura.

PERMANO FAVERO / ESPECIAL : CP



Estudantes aprenderam a arte do grafite

DM Conexão

Circula nas Regiões de Passo Fundo, Carazinho e Erechim, com notícias da Região, Estado, País, Política, Economia, Mundo e Esporte

Sexta-feira, 26 de agosto de 2005

Crianças de Santo Antônio do Planalto na Jornadinha

Os alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental São Paulo, de Santo Antônio do Planalto, juntamente com seus professores estão participando da 3ª Jornadinha de Literatura, em Passo Fundo. As crianças passaram um dia mágico, ficaram maravilhadas com o Show de Abertura que foi uma invasão de imagens, cores, sons. Na própria abertura da Jornadinha nos demos conta de que iríamos tratar de um assunto muito legal, Diversidade Cultural: O Diálogo das Diferenças.

Foram diversas as apresentações, entre eles, teatros, música, contação de histórias, quem comandou o espetáculo foi o "O Gato Galileu" o gato leitor, as crianças contaram, ouviram histórias e também fizeram várias perguntas aos escritores presentes, a mais questionada foi Ana Maria Machado. As crianças parecem muito a vontade com os escritores, pois elas participaram da Pré-Jornadinha onde

durante meses os professores trabalharam, leram, dramatizaram e desenharam, inspirados pelos escritores. Os trabalhos realizados pelas crianças foram para Passo Fundo e estão amostra, junto ao Salão de Autógrafos no Circo da Cultura. As crianças estiveram muito próximas dos escritores.

Além de espectadores as crianças Santo-antonienses foram protagonistas da 3ª Jornadinha de Literatura, Andréa Bruski aluna da professora Vera Acco 4ª Série, declarou para o poeta Carlos Urbim que emocionou-se ao ouvir. Andressa Fátima de Paula aluna da 3ª série foi convidada pela Equipe coordenadora da 3ª Jornadinha para entregar o Troféu Vasco Prado ao Participante, Escritor e Poeta Ricardo da Cunha Lima escritor do livro Poemas de Cabeça para Baixo e a história o Labirinto o diferencial desse texto é que o formato do mesmo é um labirinto, é uma verdadeira aventura.

FOTO DIVULGAÇÃO



Andressa Fátima de Paula aluna da 3ª série foi convidada pela Equipe coordenadora da 3ª Jornadinha para entregar o Troféu Vasco Prado ao participante, escritor e poeta Ricardo da Cunha Lima

A Secretaria de Educação e Cultura do município divulgou a seguinte nota: "A participação dos alunos num evento como esse é uma oportunidade ímpar. Todos os investimentos é para formar leitores, despertar o gosto pela leitura de histórias de contos de poemas e outros, criança que gosta de ler não tem dificuldades, em nenhuma disciplina. Expressa-se bem e saberá conquistar o seu espaço. A 3ª Jornadinha trouxe para discussão um tema muito relevante, Diversidade Cultural: O Diálogo das Diferenças que mostra o jeito de ser e de viver de cada grupo, de cada comunidade, assim nossas crianças poderão zelar e respeitar as diferentes culturas. Deixamos nossos agradecimentos a diretora e a todas as professoras da Escola Municipal de Ensino Fundamental São Paulo que abriram mão de participar da 1ª Jornada de Literatura para proporcionarrem as crianças a participação nesta Festa Literária".



Por Anna Maria de Oliveira Rennhack

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos — e-mail: rennhack@domain.com.br

No alto da colina avistávamos a grande lona do Circo da Cultura e as tendas menores com suas cores fortes: azul, amarela, verde e vermelha, bem ao gosto das crianças. Tão é o cenário da 1ª Jornada Nacional de Literatura e da 7ª Jornadinha que acontecem na Universidade de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, a cada dois anos.

O mais importante evento literário do Brasil causava enorme surpresa aos convidados estrangeiros que viam a reunião pela primeira vez. Os participantes precisam de fôlego, a cura de chimarrão e um bom agasalho. São cerca de 15 horas de atividades diárias, reunindo seminários, palestras, debates, cursos, lançamentos, exposições, contação de histórias, teatro e apresentações musicais.

Chico Buarque de Holanda recebeu o 4º Prêmio Passo Fundo Zaffari & Reurban de Literatura pela obra *Budapest* (Cia. das Letras) e emocionou a todos, fazendo os mais de 4 mil presentes cantarem com ele.

Arthur Moreira Lima levou o seu "piano para a estrada" e apresentou composições de Beethoven, Chopin, Villa-Lobos, Piazzolla e Augusto Navegati, ao ar livre, tendo como cenário o céu ao entardecer. A música aquecia o coração, porque o corpo permanecia gelado, cortado pelo vento ingrato que seimou em participar dos eventos.

No Palco de Debates, Ariano Suassuna recebeu o título de *Deuter Honeris* Cúas da Universidade de Passo Fundo e sua apresentação encantou a todos pela juventude do brilho dos olhos e o entusiasmo da alegria da narrativa.

Alcione Araújo, Ignácio de Loyola Brandão, Júlio Diniz, Nelson de Oliveira, Luis Fernando Veríssimo, Carlos Moraes, Cecília Costa, Frei Betto, Marisa Lajolo, Silvano Santiago, Leonardo Boff, Ricardo Cravo Albin, Ricardo Azevedo, Walmar Chagas, Werner Schunemann, Luiz Vilela, Aderval Freire Filho, Gilles Lipovetsky (francês), Jostein Gaarder (Noruega), Clara Ferreira Alves (Portugal) foram alguns dos participantes dos encontros na grande lona.

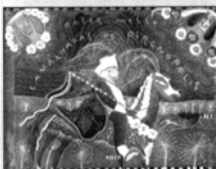
A Academia Brasileira de Letras deslocou para Passo Fundo vários imortais que participaram do Encontro Nacional da ABL: restallando as elásticas: Moacyr Scliar, Sérgio Rouanet, Ivan Junqueira (presidente), Cicero Sandroni, Antonio Carlos Secchin, Alberto da Costa e Silva, Carlos Heitor Cony, Ana Maria Machado e João Ubaldo Ribeiro.

Será que ainda podemos nos surpreender com alguma coisa em Passo Fundo? Claro que sim! Na 1ª Jornada Nacional de Literatura, diariamente, cerca de 3.500 crianças esperavam, ansiosas, o encontro com os autores dos seus livros preferidos. E eles chegaram: Ana Maria Machado, Daniel Munduruku, Roger Mello, Elias José, Carlos Urbán, Ricardo da Cunha Lima, Walcy Carrasco. Não sei quem saiu mais encantado, se as crianças, com os olhos brilhantes de admiração pelo ídolo presente, ou se o autor, pela espontaneidade do amor demonstrado. Organizadas de acordo com as cores das tendas, era uma alegria vê-las, em filas alegres, lanchando no gramado entre as flores, ou escolhendo livros nos estandes das livrarias.

Especialistas em literatura infantil, Regina Zilberman, Renata Junqueira de Souza e Laura Sandroni também estiveram em Passo Fundo. Laura apresentou para os alunos de Pedagogia o panorama da literatura infantil a partir da criação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil — FNLIJ.

Todo esse trabalho tem uma grande responsável: a professora Tania Rösing. Desde a chegada, no aeroporto de Passo Fundo, ela esteve presente em todos os eventos, sempre com uma palavra de afeto aos seus inúmeros convidados. De todos se despediu, levando ao pequeno aeroporto o seu enorme entusiasmo e já preparando a 12ª Jornada, que vai acontecer em 2007. Até lá!

Algumas obras dos autores presentes à 1ª Jornadinha Nacional de Literatura:



Tania Rösing abre a 1ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo (foto de Ilango Lermen)

**Dados gerais da
3º Jornadinha
Nacional de
Literatura**

Programação

O que vai acontecer

23 e 24/08 – ~~Alunos da 1ª à 4ª série~~

9h

Sessão de abertura

Apresentadores da Jornadinha: Gato Gali-Leu, Natália e Mil- Faces

9h30min

Contação de histórias com Joaquim de Paula

Conversa com autores Ana Maria Machado e o cineasta Gabriel Costa (curta-metragem *Raul da Ferrugem azul*)

10h30min

Show musical Pé com Pé – Paulo Tatit e Sandra Peres

11h20min

Show de Hip-Hop Max B. O.

11h45min

Intervalo para o almoço e visitação ao ambiente de computadores

Oficina de desenho animado – sob a coordenação de Wilson Lazaretti – Centro de Eventos

Visitação às exposições e sessão de autógrafos

12h e 12h45min

Os tapetes contadores de histórias (Rio de Janeiro) - Lona Azul – (2 sessões)

14h

Conversa com escritores (em todas as lonas em sistema de rodízio)

Lona Azul	Lona Amarela	Lona Verde	Lona Vermelha
Bia Hetzel	Daniel Munduruku	Elias José	Regina Machado
Ricardo da Cunha Lima	Ricardo Silvestrin	Roger Mello	Carlos Urbim



Contação de histórias com Joaquim de Paula (durante o rodízio dos escritores)

16h30min

Sessão de autógrafos – Feira do Livro

O que vai acontecer

25/08 – Alunos da 5ª à 8ª série

9h

Sessão de abertura

Apresentadores da Jornadinha: Gato Gali-Leu, Natália e Mil-Faces

9h30min

Performance Joaquim de Paula

Conversa com autores Ana Maria Machado e o cineasta Gabriel Costa (curta-metragem *Raul da Ferrugem Azul*)

10h30min

Show instrumental Sobre todas as cordas (São Paulo)

11h20min

Show de hip-Hop Max B. O. (São Paulo)

11h45min

Intervalo para o almoço e visitação ao ambiente de computadores

– oficina de desenho animado – sob a coordenação de Wilson Lazaretti

Centro de Eventos

Visitação às exposições e sessão de autógrafos

12h e 12h45min

Os tapetes contadores de histórias (Rio de Janeiro) – Lona Azul (2 sessões)

14h

Conversa com escritores (em todas as lonas em sistema de rodízio)

Lona Azul	Lona Amarela	Lona Verde	Lona Vermelha
Antonio Yebra	Daniel Munduruku	Reginaldo Prandi	Antonio Prata
Luiz Puntel	Silvana Gontijo	Walcyrr Carrasco	Valéria Polizzi

Contação de histórias com Joaquim de Paula (durante o rodízio dos escritores)

16h30min

Sessão de autógrafos – Feira do Livro

O que vai acontecer

26/08 – Alunos do Ensino Médio

9h

Sessão de abertura

Apresentadores da Jornadinha – Gato Gali-Leu, Natália e Mil-Faces

9h30min

Performance Joaquim de Paula

Conversa com os escritores

Ana Maria Machado/ Gabriel Costa/ Mariana Verissimo

Homenagem ao centenário de nascimento do escritor Erico Verissimo

(Presença dos familiares Luis Fernando, Lúcia, Mariana, Pedro e Fernanda)

Participação dos escritores:

Antonio Hohlfeldt / Luiz Coronel

10h 30min

Show instrumental *Sobre todas as cordas* - SP

11h20min

Show de Hip Hop Max B. O. (São Paulo)

11h45min

Intervalo para o almoço e visitação ao ambiente de computadores

Oficina de desenho animado – sob a coordenação de Wilson Lazaretti

Centro de Eventos

Visitação às exposições e sessão de autógrafos

13h

Projeto Viramundos - UPF



14h

Conversa com escritores (em todas as lonas em sistema de rodízio)

Lona Azul	Lona Amarela	Lona Verde	Lona Vermelha
Daniel Munduruku	Julián Fuks	Antonio Prata	Maria Teresa Maldonato
Ludmila Zeman	Nelson Bacic	Luiz Vilela	Reginaldo Prandi
Silvana Gontijo	Valéria Polizzi	José Eduardo Degrazia	Maria José Silveira

Contação com Joaquim de Paula (durante o rodízio dos escritores)

16h30min

Sessão de autógrafos – Feira do Livro

Observações

A escritora Bia Hetzel, por motivo de saúde, não participou da 3ª Jornadinha Nacional de Literatura.

No dia 23/08, a programação da tarde nas loninhas foi cancelada pela Comissão Organizadora como medida preventiva devido aos fortes ventos daquela tarde.

Os escritores Antonio Hohlfeldt e Luiz Coronel não participaram da homenagem ao escritor Erico Verissimo.

Pedro Veríssimo, por motivos de trabalho, não pôde acompanhar os familiares na homenagem ao escritor Erico Verissimo.

Programação paralela

Espetáculos teatrais

Grupo de teatro Viramundos - UPF

Fantoches (homenagem a Erico Verissimo)

24 e 26/08 às 13h em frente à Gráfica

Timbre de galo (baseado nos contos de Simões Lopes Neto)

25/08 às 13h em frente à Gráfica

Concerto

Arthur Moreira Lima - *Um piano na estrada*

22, 25 e 26/08 às 17h – Circo da Cultura – Espaço aberto

Exposições

CENTRO DE EVENTOS – UPF

Erico Verissimo – Retratos da vida inteira

Soldadinho de chumbo – Coleção Norberto Dias Loch

Esculturas – Maria Tomaseli

Fotografias: Poloneses, Italianos, Indígenas – Tadeu Vilani

HALL DA BIBLIOTECA CENTRAL - UPF

Exposição Sérgio Buarque de Holanda: intérprete do Brasil
(releitura)

MUSEU ARTES VISUAIS RUTH SCHNEIDER

Maria Lucina Busato Bueno – *30 anos de arte* - Artista homenageada

Dom Quixote – Vasco Prado

César Santos: a trajetória de um pioneiro

Mostra de Filmes

TEATRO MUNICIPAL MÚCIO DE CASTRO

IECINE – 24 e 25/08 às 10h

Conversas paralelas

24/08	10h	Ricardo da Cunha Lima	Auditório da Feac
24/08	10h	Reginaldo Prandi e Luiz Puntel	Auditório da Feac
25/08	10h	Antonio Prata e Luiz Vilela	Auditório da Feac
25/08	14h30min	Elias José e Carlos Urbim	Auditório da Feac
26/08	10h	Daniel Munduruku	Auditório da Feac

Circo da Cultura

Feira do livro

Lançamento de livros, CDs, CD-ROM

Sessão de autógrafos



Leituras indicadas na Pré-Jornadinha

Elias José	Um jeito bom de brincar	1ª a 4ª	FTD
	De olho nos bichos		
	Um rei e seu cavalo de pau		Moderna
	Uma escola assim, eu quero pra mim		
	Incrível bicho-homem		
	Vaidade no terreiro		
José Eduardo Degrazia	Namoradinho de portão	Ensino médio	Movimento
	Segredinhos de amor		
José Eduardo Degrazia	A Urna Guarani	Ensino médio	Movimento
Julián Fuks	Os leões selvagens de Tanganica	Ensino médio	7 Letras
Ludmila Zeman	Fragmentos de Alberto, Ulisses, Carolina e EU	Ensino médio	Projeto
	O Rei Gilgamesh		
	A Vingança de Ishtar		
	A Última Busca de Gilgamesh		
Luiz Puntel	Simbá: uma história das mil e uma noites	5ª a 8ª	Ática
	Açúcar amargo		
	O grito do hip hop		
	Tráfico de anjos		
Luiz Vilela	Missão oriente	Ensino médio	Ática
	O violino e outros contos		
	Contos da infância e da adolescência		
Maria Teresa Maldonado	Perdição	Ensino médio	Record
	Os construtores da paz - caminhos da prevenção da violência		
Maria José Silveira	Os construtores da paz - caminhos da prevenção da violência	Ensino médio	Moderna
	Ossos		
Mariana Verissimo	Uma cidade de carne e osso: casos do interior	Ensino médio	FTD
	PS Beije		
Nelson Bacic	Oste Beije	Ensino médio	Salamandra
	Oste médio e a questão		
	Palestina		
Regina Machado	África terra, sociedades e conflitos	1ª a 4ª	Cia das Letrinhas
	A formiga Aurélia e outras formas de ver o mundo		
	Nasrudin		
Reginaldo Prandi	O violino cigano	5ª a 8ª / Ensino médio	Cia das Letrinhas
	Minha querida assombração		
	Ifá, o adivinho		
Ricardo da Cunha Lima	Xangô, o trovão	1ª a 4ª	Cia das Letrinhas
	O Xumarê, o arco-íris		
Ricardo Silvestrin	Cambalhota	1ª a 4ª	Salamandra
	De cabeça pra baixo		
Roger Mello	Pequenas observações sobre a vida em outros planetas	1ª a 4ª	Cias das Letrinhas
	Em cima da hora		
	Meninos do mangue		
Sérgio Capparelli	Todo cuidado é pouco	5ª a 8ª / Ensino médio	UPF Editora
	Vizinho, vizinha		
	111 poemas para crianças		
	Tô sem freio ou sexo antes dos 15		

Silvana Gontijo	Uma aventura na comunicação Site www.planetapontocom.com.br	5ª a 8ª/Ensino Médio	Aeroplano
Valéria Polizzi	Enquanto estamos crescendo Depois daquela viagem	5ª a 8ª /Ensino médio	Ática
Walcyr Carrasco	O menino narigudo	5ª a 8ª	Moderna
	Irmão negro		
	A corrente da vida		
	Estrelas tortas		
	O garoto da novela		
	Mordidas que podem ser beijos		
	O anjo linguarudo		
	A dama das Camélias (tradução e adaptação)		FTD
	Dom Quixote (tradução e adaptação)		
	Os miseráveis (tradução e adaptação)		
Gabriel Costa	Balança coração		Ática
	O golpe do aniversariante e outras crônicas		
Gabriel Costa	Raul da Ferrugem Azul (média-metragem)		Arcanjo Produtora
Paulo Tatit e Sandra Peres	CD Palavra Cantada 10 anos		Palavra Cantada
	DVD Palavra Cantada 10 anos		
	Canções curiosas		
	Canções de ninar		
	Canções de brincar		
	CD Pé com pé		
	www.palavracantada.com.br		

Participantes da 3ª Jornadinha Nacional de Literatura

Na 3ª Jornadinha Nacional de Literatura registramos 12 mil inscritos entre crianças, adolescentes e professores. Foram 111 escolas inscritas e 519 os professores que acompanharam os seus alunos no Circo da Cultura.

Na programação paralela, oferecida para as escolas que não se inscreveram na 3ª Jornadinha, contabilizamos a presença de 21 escolas totalizando 2 282 pessoas. Para estas escolas foram ofertadas as conversas paralelas com escritores, as sessões de autógrafos, os espetáculos teatrais, a visita às exposições e a Feira do Livro.



Pré-Jornadinha em diferentes espaços

A Pré-Jornadinha foi realizada nas escolas por professores e alunos no período de março a julho, e as escolas entregaram para a comissão organizadora as atas contendo o nome dos participantes, bem como a prática de leitura desenvolvida em sala de aula, que atingiu 10 103 pessoas.

O Caderno de Atividades II, elaborado por professores e monitores que integram a equipe de trabalho do Mundo da Leitura, contribuiu para o desenvolvimento das atividades de leitura, em sala de aula, por professores e alunos. A procura pelo Caderno de Atividades II pelos professores deveu-se à avaliação positiva em relação ao conteúdo do primeiro Caderno de Atividades e, também, à presença dos professores nas atividades de Pré-Jornadinha.

No Centro de Referência de Literatura e Multimeios – Mundo da Leitura – os monitores aplicaram diferentes práticas leitoras envolvendo o tema da 3ª Jornadinha, “Diversidade Cultural: o diálogo das diferenças” e, especialmente, os livros dos autores presentes à Jornadinha. As práticas leitoras dirigidas para diferentes públicos e utilizando-se de recursos diversificados atingiram 1 284 alunos e professores que agendaram visitas no Mundo da Leitura entre março e julho.

O Fórum eletrônico da Pré-Jornadinha, pensado pelos monitores do Mundo da Leitura para incentivar a discussão, em meio eletrônico, das obras dos autores que estavam sendo lidos por crianças e adolescentes de diferentes cidades, obteve uma participação significativa: 907 postagens. As intervenções no fórum, em grande parte, foram realizadas pelos participantes após a aplicação das práticas leitoras.

Registramos, ainda, os autores mais procurados na sessão de autógrafos pelos jovens leitores: Ana Maria Machado, Paulo Becker, Elias José, Daniel Munduruku, Walcyr Carrasco, Antonio Prata, Valéria Polizzi e Ludmila Zeman.



Escolas participantes

Escola	Município
E.E.E. Básica Antonio João Zandoná	Barra Funda
E.M.E.F. Barra Funda	Barra Funda
Colégio La Salle	Carazinho
Colégio Sinodal Rui Barbosa	Carazinho
Centro de Ensino Médio Integrado UPF Unidade de Ensino de Casca	Casca
Centro Tecnológico Universidade de Caxias Do Sul	Caxias do Sul
Instituto. Estadual de Educação Júlia Billiat	Chapada
Cendi Centro de Ensino Diniz	Chapecó - SC
Colégio Cenecista Dr. Júlio Cesar Ribeiro Neves	Concórdia - SC
E.B.M. Anna Zamarchi Coldebella	Concórdia - SC
Cooperativa Educacional Magna	Concórdia - SC
E.E.M. Eptácio Pessoa	Coqueiros do Sul
Colégio Franciscano Santíssima	Cruz Alta
Assec - Colégio São José	Erechim
E.E.E.M. Barão Homem de Melo	Erechim
Instituto Anglicano Barão do Rio Branco	Erechim
E.M.E.F. Dr. Nicanor Kramer da Luz	Esmeralda
E.M.E.F. Alexandre Tramontini	Espumoso
E.M.E.F. Álvaro Rodrigues Leitão	Espumoso
E.M.E.F. Guerino Cavalli	Espumoso
Colégio Scalabrini	Guaporé
E.E.E. Médio Bandeirante	Guaporé
E.E.E.M. Antônio Stella	Ibiraíaras
Colégio Evangélico Augusto Pestana	Ijuí
Colégio Rainha Paz	Lagoa Vermelha
E.M.E.F. Duque de Caxias	Lagoa Vermelha
E.E.E.M. Dr. Araby Augusto Nácul	Lagoa Vermelha
E.M.E.F. Clovis Pestana	Lagoa Vermelha
E.M.E.F. Pio XII	Lagoa Vermelha
Wizard Idiomas	Lagoa Vermelha
Colégio Gabriel Taborin	Marau
E.M.E.F. Vinte e Oito de Fevereiro	Marau
Iesta – Instituto Estadual Santo Tomas de Aquino	Marau
Instituto De Educação Estadual Marcelino Ramos	Marcelino Ramos
Escola Padre Leonel Franca	Mato Castelhano
Colégio Estadual Alexandre de Gusmão	Montauri
E.E.E.F. Geny Vieira da Cunha	Não-Me-Toque
Colégio Notre Dame São José	Não-Me-Toque
Colégio Sinodal Sete de Setembro	Não-Me-Toque



Continuação página anterior

Instituto Estadual de Educação São Francisco Solano	Não-Me-Toque
E.E.E.F. Adílio Daronchi	Nonoai
E.M.E.F. João Batista Reus	Novo Barreiro
Colégio Jesus Maria José	Palmeira das Missões
E.E.E.F. Cacique Neenguiru	Palmeira das Missões
Escola de Ensino Fundamental Dinâmica	Palmeira das Missões
Instituto Estadual de Educação Borges do Canto	Palmeira das Missões
Colégio Evangélico Panambi	Panambi
Instituto Educacional de Passo Fundo	Passo Fundo
Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – Apae	Passo Fundo
Centro de Ensino Médio Integrado UPF	Passo Fundo
Colégio Bom Conselho	Passo Fundo
Colégio Estadual Joaquim Fagundes dos Reis	Passo Fundo
Colégio Marista Nossa Senhora da Conceição	Passo Fundo
Colégio Notre Dame	Passo Fundo
E.E.E.F. Salomão Iochpe	Passo Fundo
E.E.E.F. Cel. Gervásio Lucas Annes	Passo Fundo
E.E.E.F. Jerônimo Coelho	Passo Fundo
E.E.E.M. Alberto Pasqualini	Passo Fundo
E.E.E.M. Gal Prestes Guimarães	Passo Fundo
E.E.E.M. Maria Dolores Freitas Barros	Passo Fundo
E.E.E.M. Nicolau de Araújo Vergueiro	Passo Fundo
E.E.E.M. Protásio Alves	Passo Fundo
E.E.F. Circulo Operário	Passo Fundo
E.E.F. Menino Jesus NTD	Passo Fundo
E.E.F. St. Patrick	Passo Fundo
E.M.E.F. Etelvina Rocha Duro	Passo Fundo
E.M.E.F. Antonino Xavier	Passo Fundo
E.M.E.F. Fundação Educacional do Menor	Passo Fundo
E.M.E.F. Senador Alberto Pasqualini	Passo Fundo
E.M.E.F. Arlindo de Souza Mattos	Passo Fundo
E.M.E.F. Eloy Pinheiro Machado	Passo Fundo
E.M.E.F. Frederico Ferri	Passo Fundo
E.M.E.F. Fredolino Chimango	Passo Fundo
E.M.E.F. Irmã Maria Catarina	Passo Fundo
E.M.E.F. Nossa Senhora Aparecida	Passo Fundo
E.M.E.F. Notre Dame	Passo Fundo
E.M.E.F. Professor. Arno Otto Kiehl	Passo Fundo
E.M.E.F. Santo Antonio	Passo Fundo
E.M.E.F. Santo Antonio	Passo Fundo
E.M.E.F. São Luiz Gonzaga	Passo Fundo



Continuação página anterior

E.M.E.F. Wolmar Salton	Passo Fundo
E.M.E.F. Zeferino Demetri Costi	Passo Fundo
E.M.E.F. Benoni Rosado	Passo Fundo
E.M.E.F. Professora Helena Salton	Passo Fundo
Escola Projeto Pescar Comercial Zaffari	Passo Fundo
Instituto Educacional de Passo Fundo	Passo Fundo
Instituto Estadual Cardeal Arcoverde	Passo Fundo
Instituto Menino Deus	Passo Fundo
E.M.E.F. de Pejuçara	Pejuçara
Centro Estadual de Formação de Professores General Flores da Cunha	Porto Alegre
Colégio Metodista Americano	Porto Alegre
Sociedade Porvir Científico-Colégio La Salle Santo Antônio	Porto Alegre
Escola Alfredo Ferrari	Saldanha Marinho
Teresa Verzeri	Santo Angelo
E.E.E.B. Pedro Nunes da Silva	São Jorge
E.M.E.F. Carlos Tarasconi	São Jorge
E.E. Médio Sarandi	Sarandi
E.M.E.F. Dr. João Carlos Machado	Sarandi
E.E.E.M. Dr. Aldo Conte	Sarandi
E.E.F Criança Feliz	Sarandi
E.M.E.F. Santa Ana	Serafina Correa
Colégio Estadual Carneiro De Campos	Serafina Corrêa
E.M.E.F. João Corso	Serafina Corrêa
E.M.E.F. Bandeirantes	Sertão
E.M.E.F. João Antônio de Col	Sertão
Colégio Notre Dame Medianeira	Tapejara
E.E.E.M. Dionísio Lothário Chassot	Tapera
E.M.E.F. Gustavo Augusto Stärlick	Tapera
E.M.E.F. João Munari	Tupanci do Sul
E.E.E.M. Gustavo Biazus	Tupanci do Sul
E.M.E.F. Santa Terezinha	Tupanci do Sul
E.E.M. Frei Galvão	Tupanciretã
Instituto Laura Vícula	Uruguiana



Impressão:

